

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

VIRGÍNIA TAVARES VIEIRA

O Discurso da Crise Ambiental nas letras de *Rock and Roll*: modos de ser sujeito em tempos contemporâneos

Rio grande

2013

VIRGÍNIA TAVARES VIEIRA

O Discurso da Crise Ambiental nas letras de *Rock and Roll*: modos de ser sujeito em tempos contemporâneos

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Ambiental, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande - FURG.

Orientadora: Prof. Dr^a. Paula Corrêa Henning

Rio Grande, 2013

O Discurso da Crise Ambiental nas letras de *Rock and Roll*: modos de ser sujeito em tempos contemporâneos

VIRGÍNIA TAVARES VIEIRA

BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

ORIENTADORA: PROF^A. DR^A. PAULA CORRÊA HENNING

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL - FURG

PROF^A. DR^A. ELISABETH BRANDÃO SCHMIDT

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL – FURG

PROF^A. DR^A. CARLA GONÇALVES RODRIGUES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – UFPEL

RIO GRANDE, 2013

Dedico esta dissertação aos meus pais, José Luiz e Eliana, fundamentais na minha vida; à minha companheira, Beatriz, pelo carinho e dedicação; a minha madrinha, Leda Pacheco, pelo apoio incondicional; aos meus irmãos, Juliana e Eduardo, sempre muito presentes na minha vida; aos meus amigos; e à minha querida orientadora e amiga, Paula Henning, pelo carinho, dedicação e paciência.

AGRADECIMENTOS

Neste momento, gostaria de dedicar algumas palavras para as pessoas que são muito importantes na minha vida e, que nesta caminhada de pouco mais de dois anos, foram fundamentais para que hoje eu estivesse aqui expondo a minha gratidão e meu carinho.

Primeiramente, agradeço à minha orientadora, professora Dra. Paula Corrêa Henning. Opa! Ela é muito mais do que isso! Minha querida, gostaria de te agradecer pela amizade, pelo teu carinho e dedicação, pelas inúmeras orientações dadas (na FURG, na tua casa, nos finais de semana, por telefone) e, principalmente, por acreditar no meu trabalho, quando me possibilitaste conhecer um mundo totalmente novo. Tu sabes que és a principal responsável por eu estar aqui hoje! A cada dia, a cada aula, a cada orientação, sinto-me uma pessoa privilegiada por estar ao lado de uma profissional tão competente. A ti, meu eterno carinho! Muito obrigado!

Agradeço também às colegas e amigas Renata Schlee, Patrícia Giusti, Bárbara Garré, Leda Hess, Ana Correa e Gisele Ruiz, pelas longas conversas e discussões durante as viagens e cafés nesses dois anos.

Aqui vai também o meu agradecimento, em especial para Mi Cleff, Carol Ferreira, Catita Hornke, Clarissa Henning, Liziane Coelho e Daniel Gonzatto, meus queridos amigos de longa data que sempre me incentivaram e estiveram ao meu lado nos bons e maus momentos da minha vida.

À minha madrinha, Leda Maria Pacheco, pelo amor, pela amizade, pelo carinho e incondicional apoio ao longo de toda minha vida. Grande incentivadora para que eu cursasse a faculdade de música, acreditando no meu potencial.

Aos meus irmãos, Eduardo e Juliana, amigos queridos, companheiros e grandes incentivadores de minhas escolhas. Vitais na minha vida!

Aos meus pais, Eliana e José Luiz, pelo amor, carinho, apoio, incentivo e por serem sempre presentes na minha vida. Amo muito vocês!

E, por fim, À minha leal companheira e amiga Beatriz Valente, pela amizade, pelo apoio, pela eterna paciência, por aguentar ouvir repetidas vezes cada parte desta dissertação e, principalmente, pelo amor e carinho dedicado a mim ao longo desses dois anos.

Não poderia deixar de dedicar algumas palavras para ao que só poderá ler essa dedicatória daqui alguns poucos anos: meu querido Martin Vieira. Meu príncipe, meu

amor, minha paixão, que chegou há pouco mais de três anos para trazer muita alegria e felicidade à nossa família. Martin, a tia te ama muito!

Senhores, apostem e confiem, no que se refere ao resto, em sua época! Mas, por gentileza, toquem! toquem! Sem isso, que infinitas secreções de tédio! (FOUCAULT, 2009, p.399).

RESUMO

O presente estudo refere-se a uma dissertação de mestrado em Educação Ambiental, a qual teve como objetivo estabelecer um diálogo entre música, sociedade e Educação Ambiental. Sendo assim, tem-se como problema de pesquisa investigar de que forma a música, por meio do *rock and roll*, vem contribuindo para pensarmos na crise ambiental que se instala na atualidade. Para dar conta de responder a essa investigação selecionaram-se letras de *rock* de sete bandas de diferentes países ocidentais que tratam da temática ambiental, desde a década de 1990 até os dias atuais. Apoiada em autores como Michel Foucault, Félix Guattari, Zygmunt Bauman, Isabel Carvalho, Leandro Belinaso Guimarães, Maria Lúcia Castagna Wortmann, entre outros, a pesquisa analisou as enunciações de natureza, meio ambiente e homem presentes nas letras que compuseram o *corpus* de análise desta investigação. O caminho metodológico selecionado para operar com o material empírico trata especificamente de algumas ferramentas da análise do discurso, a partir de Michel Foucault. Na análise do material posto em suspenso, a pesquisa apontou para dois enunciados potentes, os quais vêm auxiliando na constituição do discurso da crise ambiental por meio de letras de *rock and roll*: o homem como principal destruidor do planeta, este intitulado de antropocentrismo; e o terror e medo pela perda do planeta. Com isso, evidenciaram-se que ditos como esses, presentes nas letras de *rock* selecionadas, entram na ordem do discurso verdadeiro no campo da Educação Ambiental, o que justifica a escrita dessa dissertação. Sendo assim, ressalta-se a importância de atentarmos para *rock and roll*, como um artefato cultural potente que vem nos auxiliando a olhar para crise ambiental, interpelando-nos a constituir modos de ser e viver, diante de saberes e verdades produzidas na e pela cultura, pois, diante dos significados travados por meio da cultura, vamos engendrando nossos modos de vida, bem como estabelecendo relações com o mundo em que vivemos.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Cultura; Crise Ambiental; *Rock And Roll*.

ABSTRACT

The present study refers to a master's degree dissertation in Environmental Education which has as its objective to establish a dialogue among music, society and Environmental Education. That said, this research problematizes how to investigate the way music, through rock and roll, has been contributing to think about the environmental crisis of our days. With the intention of problematize the way music, through *rock and roll*, has been contributing to make us think about the environmental crisis, it has been selected *rock and roll* lyrics from seven different western bands about environmental themes, since the early 90's to nowadays. Supported by authors such as Michel Foucault, Félix Guattari, Zygmunt Bauman, Isabel Carvalho, Leandro Belinaso Guimarães, Maria Lúcia Castagna Wortmann and others, the research analyzed enunciations of nature, environment and men presented on the lyrics that composed this investigation's analysis corpus. The methodological patch selected to operate with the empirical material is specifically some speech analysis tools from Michel Foucault. Based on the analysis of this material, the research lead to two strong statements, which has been helping the formation of the environmental crisis speech through *rock and roll* lyrics: the mankind as the main destructor of the planet, what is named as anthropocentrism, and the terror and fear for the planet's losses. Whit this, it became evident that sayings like those presented in the selected *rock and roll* lyrics agree with the true speech on Environmental Education field, what justifies this dissertation. Thus, it is highlighted the importance to pay attention to *rock and roll* as a strong cultural artifact that has been assisting us to look to the environmental crisis, asking us to create ways of being and living, in front of the knowledge and truths produced in and by the culture, for the meanings locked by the culture, we engender our way of life and establish relations with the world we live in.

Key words: Environmental Education, Culture, Environmental Crisis, *Rock and Roll*

SUMÁRIO

Capítulo 1 Sobre modos de pesquisa: delimitações, atravessamentos e composição de forças	11
1.1 Primeiros delineamento	11
1.2. Recortes teóricos e constituição de um problema de pesquisa	14
1.3. Bandas de <i>rock and roll</i> em exame: modos de constituir sujeitos ecológicos	17
1.4 Composições de força na articulação entre Educação Ambiental e <i>Rock and Roll</i>	21
Capítulo 2 Atravessamentos Culturais e Crise Ambiental na Atualidade: modos ecológicos de vida no <i>Rock and Roll</i>	22
2.1 Provocações Iniciais	22
2.2 A Crise Ambiental em exame	24
2.3 Antecessores do <i>Rock and Roll: Blues e Jazz</i>	34
2.4 <i>Rock and Roll</i> : fenômeno cultural do século XX	38
Capítulo 3 O discurso da crise ambiental no de <i>rock and roll</i>	50
3.1 Caminhos Metodológicos: direcionando o olhar	52
3.2 O homem como principal destruidor do planeta: Antropocentrismo em evidência	57
3.3 O terror e o medo pela perda do planeta nas letras de <i>rock and roll</i>	68
4 Algumas considerações antes do ponto final	80
Referências.....	85

CAPÍTULO

SOBRE MODOS DE PESQUISA: DELIMITAÇÕES, ATRAVESSAMENTOS E COMPOSIÇÕES DE FORÇA

1.1 Primeiros delineamentos

Nosso cenário contemporâneo vem modificando-se cada vez mais. Guerras, pobreza, miséria, disputas econômicas e sociais, crescimento demográfico, desemprego, desenvolvimento técnico-científico, desastres ecológicos, catástrofes etc. são demandas que, com o passar do tempo, contribuíram significativamente para a transformação da superfície terrestre. De forma avassaladora, vimos instalar-se, em nosso planeta, uma crise social e ambiental. Para dar início a esta dissertação de mestrado, apresentarei os fatores que me motivaram a esta pesquisa, evidenciando a importância da música na tentativa de problematizar questões tão pertinentes do dia a dia, relacionadas ao campo da Educação Ambiental.

Para trazer a música para o campo da Educação Ambiental e, através desta, problematizar o discurso de crise ambiental, que diariamente nos atravessa e nos constitui enquanto sujeitos, um longo caminho até aqui foi percorrido. O percurso, durante minha graduação em Música, foi um tempo significativo, em que tive a oportunidade de conhecer e estudar com importantes músicos brasileiros e, até mesmo, de outros países. A música proporcionou-me também a oportunidade de formar parcerias, de dividir palcos, de participar de festivais e recitais e, principalmente, de interpretar obras de grandes compositores da música erudita e popular. Entretanto, neste momento, essa arte tão expressiva me proporcionou um olhar diferente daquele que me permitiu ser construída durante minha graduação. Esse diálogo que proponho, entre Música e Educação Ambiental, leva-me a pensar o quanto a música é capaz de nos tocar e nos atravessar de diversas formas, seja quando ouvimos uma canção; quando somos tocados pela mensagem anunciada nas músicas; ou, ainda, quando esta mobiliza toda uma geração a lutar por alguma causa. Diante disso, por meio de muitas leituras e conversas com minha orientadora, percebemos a música como um importante artefato

cultural¹ que reproduz e também produz discursos e verdades. Assim, vai constituindo modos de ser, viver e estar na atualidade, especialmente ao tratar de uma questão tão importante em nosso momento histórico: a crise ambiental e social que se instala no mundo inteiro.

Foi a partir desse entendimento que recortei esta pesquisa na temática Educação Ambiental e Música. Para isso, tomei o gênero *rock and roll*, pois, além ser de abrangência mundial, é também um estilo de música contestador de questões sociais, políticas, econômicas, culturais e ecológicas.

Dessa forma, pretendo provocar o leitor a refletir sobre a importância dessa arte para um campo de saber como a Educação Ambiental, em que se encontram atreladas diversas áreas do conhecimento. Pretendo também problematizar, mesmo que minimamente, sobre a contribuição do *rock and roll* na construção de um sujeito ecológico². No decorrer de minhas investigações, pude constatar o quanto o *rock and roll* está se preocupando com as questões ambientais. Isso pode ser identificado diante do número de festivais; de *blogs*; de artefatos; como *ecobags*; de músicos ativistas de movimentos ecológicos; e de letras e bandas que têm abordado temas relacionados à crise ambiental. Sendo assim, isso evidenciou o quanto os acontecimentos relacionados à sociedade, à cultura e às criações artísticas estão intimamente interligados. O contexto social, político, econômico e cultural é de tamanha relevância para a constituição de uma obra de arte, seja no cinema, na música, na arquitetura, na pintura ou na literatura.

No cinema, os filmes *2012* (2009) e *Avatar* (2009) mostram a relação existente entre a arte e a sociedade, ao relatar, em meio a ficções, o futuro de um planeta diante de uma crise ambiental vivenciada na atualidade. Em decorrência disso, poder-se-ia dizer que esses filmes, assistidos por milhões de pessoas, provocam-nos a pensar sobre o futuro da vida na Terra, produzindo também sentimentos de medo, pois exibem uma visão apocalíptica decorrente de atitudes antrópicas. O exemplo apresentado, entre outros, mostra o quanto a relação existente entre a arte e a sociedade é constituinte e constituidora de questões que movem o corpo social. Os problemas apresentados nos filmes não são característicos do Brasil e, tampouco, da ficção. Existe uma movimentação global diante da crise ambiental por meio de eventos que mobilizam a

¹ Materiais (artefatos) culturais ou práticas de produção de saberes, ou seja, um conjunto de coisas e práticas culturais que produzem significados, formas de ser e viver um dado momento histórico (GUIMARÃES, 2003).

² Nesse sentido, ver Carvalho (2008): a autora ressalta que o sujeito ecológico é um sujeito que se interessa em criar hábitos de vida pautados em um ideário ecológico.

sociedade em nível mundial, como, por exemplo, a Reunião de *Copenhagen* (2009). A 15ª Conferência da Convenção do Clima (COP-15), realizada em *Copenhagen*, reuniu chefes de estados de 193 países, com o desafio de estabelecer um consenso diante das emissões de Gás Efeito Estufa (GEE) na atmosfera, os quais são responsáveis pelas mudanças climáticas que atingem significativamente a população mundial. Outro exemplo importante em defesa do meio ambiente, no qual se luta contra o aquecimento global, é a *Earth Hour* (Hora do Planeta). A partir da iniciativa da Rede WWF, desde 2007 todos são convidados a, num determinado dia, desligar as luzes durante 60 minutos, mostrando, assim, sua preocupação com o meio ambiente. Por meio desses e tantos outros exemplos, que entendem a crise ambiental como um problema planetário é que delimitamos e justificamos a escolha pela temática Música e EA, especialmente pelos problemas ambientais que circulam na atualidade, o que dá condições de possibilidade para emergência de um discurso de crise ambiental.

Demonstrarei, no próximo capítulo, que o *rock and roll* é um gênero musical surgido nos Estados Unidos, após a Segunda Guerra Mundial, que rapidamente se espalhou pelo mundo. Como já mencionado, o *rock* é um estilo de música de contestação, engajado em questões sociais, políticas, econômicas e culturais. Em meados da década de 1950 e, principalmente, nos anos 1960, tal estilo musical, além de estar ligado ao movimento da contracultura, acabou por se tornar um dos principais veículos de difusão de mensagens políticas e sociais por meio de suas letras. Diante disso, o movimento cultural, que se tornara a voz de uma juventude, foi também um dos meios que a sociedade se utilizou para protestar e reivindicar novos valores diante de um modelo de vida capitalista, moralista e conservador, que se instalava na América do Norte. Desde o seu surgimento até os dias atuais, o *rock* passou por diferentes fases; surgiram subgêneros, como o *rock* progressivo, o *heavy metal*, o *punk*, entre outros, que tinham suas filosofias e lutavam por distintas causas. Um exemplo disso foi o surgimento de um *rock* alternativo, de vanguarda, que viria a romper com o cenário predominante do *rock* clássico. Os temas trazidos pelas bandas tratavam de drogas, prostituição, bissexualidade, além de questões ligadas à política de esquerda. Muitas dessas bandas tinham por predicativo lutar por causas sociais; abordavam temas como as guerras, a política, a religião. O trecho da música abaixo, intitulada *Wind of Change*, da banda alemã Scorpions, mostra um pouco das lutas travadas *pelo rock and roll*. É inspirado nas mudanças políticas e sociais da Europa Oriental e no fim da Guerra Fria.

*Eu segui o Moskva/ Descendo para o Parque Gorky/ Escutando o vento da mudança/ Uma noite de verão em agosto/ Soldados caminhando/ Escutando o vento da mudança [...] O futuro está no ar/ Posso senti-lo em todo lugar/ Soprando com o vento de mudança/ Leve-me à magia do momento/ Em uma noite de glória/ Onde as crianças do amanhã ficam sonhando/ Com o vento da mudança/ Descendo pela rua/ Recordações distantes/ Enterradas no passado, para sempre [...]*³.

A mensagem transposta acima fala de mudança, de um tempo que ficou na história e na lembrança de muita gente. Neste momento, interessa-me olhar para o presente; para o problema que atinge muitos que vivem nesta Terra. Nesse sentido, cabe problematizar: de que forma a música, ou melhor, o *rock and roll* vem nos ajudando a pensar a crise ambiental? Com as pesquisas que venho realizando desde o início de minha caminhada, pude observar que, nas últimas décadas, diferentes bandas de *rock and roll*, em distintos lugares do mundo, passaram a demonstrar seguramente uma preocupação com a natureza, com o meio ambiente, com o modelo de vida consumista e com a relação do homem com a natureza. Nos capítulos dois e três desta dissertação, demonstrarei a preocupação de tal gênero com a crise ambiental, a partir da análise de algumas letras selecionadas para este estudo. Sendo assim, diante das premissas apresentadas, referentes ao caráter contestador do *rock and roll*, interessou-me perceber como tal gênero musical vem nos fazendo olhar para a crise ambiental. Aliás, as questões ambientais tornaram-se um dos grandes problemas sofridos pela sociedade na contemporaneidade. Penso que, na atualidade, há uma preocupação do *rock and roll* com o meio ambiente e que esta tem se dado em todo o planeta. O estudo demonstra que, tanto as bandas brasileiras quanto as alemãs, as estadunidenses, as australianas e outros tantos grupos de diferentes localidades passaram a fazer um forte apelo diante das questões ambientais. Dessa forma, constatei a importância desse gênero para essa pesquisa, pois vivemos uma crise ambiental mundial e o *rock and roll* demonstra, de forma expressiva, uma preocupação com o futuro da vida no planeta.

1.2 Recortes teóricos e constituição de um problema de pesquisa

A partir deste momento, minha intenção é deixar claro ao leitor a proposta deste estudo e apresentar alguns dos conceitos, que foram trabalhados durante o seu

³ Tradução de Carolina Ferreira Gomes, tradutora da Língua Inglesa. No original em inglês.

desenvolvimento, e o referencial teórico utilizado para responder as referidas indagações. Nesse sentido, tive, como intenção de pesquisa, **problematizar de que forma a música, através do *rock and roll*, vem contribuindo para pensarmos na crise ambiental que se instala na atualidade**. Para dar conta de responder a essa investigação, analisamos que enunciações de natureza, meio ambiente, homem e consumo estavam presentes nas letras de *rock and roll* colocadas em suspenso. Também apontei, ao longo do estudo, a importância das artes na sociedade e contextualizei o surgimento do *rock and roll*, com o intuito de mostrar o porquê de esse gênero musical ter sido considerado um dos maiores fenômenos culturais do século XX. Isso o leitor poderá acompanhar nos capítulos um e dois desta dissertação.

Alguns dos autores que me auxiliaram nesta caminhada são do campo da Educação e da Educação Ambiental, como Félix Guattari, Isabel Carvalho, Mauro Grün, Marisa Vorraber Costa, Leandro Guimarães, dentre outros⁴. Estes estão sendo educadores importantes para pensarmos a Educação Ambiental, bem como os modos de vida na contemporaneidade.

Além desses, Zygmunt Bauman também foi um autor de grande relevância para esta pesquisa. Sendo um importante sociólogo, que contribui para pensarmos a atualidade, o polonês tem me ajudado a entender os fenômenos sociais, políticos e culturais que atravessamos hoje. No mesmo sentido, o filósofo e sociólogo francês Gilles Lipovetsky forneceu-me também subsídios importantes para entender os acontecimentos sociais, políticos, econômicos, principalmente no que tange à mundialização da cultura, ou cultura-mundo.

Outro teórico necessário para este trabalho foi Michel Foucault. O filósofo francês, do século XX, ajudou-me a entender os mecanismos de poder e saber que são colocados em funcionamento na sociedade em que vivemos. Assim, além de me ajudar a compreender os processos de saber e poder, produzidos cotidianamente, o filósofo contribuiu com os conceitos de discurso e análise do discurso para que problematizássemos as letras de *rock* que fizeram parte do *corpus* discursivo desta investigação. Tais autores, e outros escolhidos para servir de base nesta dissertação de mestrado, permitiram-me uma fundamentação teórica importante, para que tivéssemos suporte na constituição de subsídios, no intuito de operar com os conceitos analisados.

⁴ Tratarei mais densamente sobre o campo teórico desta pesquisa no capítulo três da dissertação.

Diante dessa crise social e ambiental, pela qual estamos sendo atravessados, é importante problematizarmos questões, como as que aqui serão colocadas sob exame, tão vigentes na atualidade e que muitas vezes são dadas como já conhecidas, desbravadas e dominadas por nós. Isabel Carvalho (2008) chama a atenção para a importância de olharmos para o mundo de uma forma diferente da qual estamos acostumados; de contemplarmos as mesmas coisas, as mesmas “paisagens”, com olhos diferentes. A autora refere-se a esse movimento de processo de “desnaturalizar” os modos de ver que tínhamos como óbvios. Nesse sentido, minha proposta é levantar alguns questionamentos: O que entendemos por meio ambiente? O que entendemos por natureza? Como pensamos o homem no meio ambiente e na natureza?

Muitas vezes, ao falarmos em meio ambiente, prontamente atrelamos a ideia de que estamos nos referindo a temas relacionado à Ecologia. Para Isabel Carvalho (2008), essa representação que temos de meio ambiente e natureza frequentemente é reforçada pelos meios de comunicação de massa, como os programas de TV, os documentários, o cinema, a música. Enfim, a mídia de uma forma geral. Nessa perspectiva, o meio ambiente está longe de ser entendido como um espaço de interrelação entre o homem, a cultura, a natureza e a sociedade. Diante disso, o homem aparece como um ser intruso a esse espaço, ao não ser percebido como pertencente ao meio ambiente. Corroborando essa ideia, Carvalho (2008) ressalta que

Essas imagens de natureza não são como pretendem se apresentar, um retrato objetivo e neutro, um espelho do mundo natural, mas traduzem certa visão de natureza que termina influenciando bastante o conceito de meio ambiente disseminado no conjunto da sociedade. Essa visão “naturalizada” tende a ver a natureza como o mundo da ordem biológica, essencialmente boa, pacificada, equilibrada, estável em suas interações ecossistêmicas, o qual segue vivendo como autônoma e independente da interação com o mundo cultural humano. Quando essa interação é focada, a presença humana amiúde aparece como problemática e nefasta para a natureza (CARVALHO, 2008, p. 35) [grifo da autora]

Também, nessa perspectiva, podemos dizer que essa afirmação está relacionada ao fato de vivermos sob uma égide antropocêntrica. Para Mauro Grün (2007), a cultura, o nosso princípio de valores, a predominância do homem sobre todas as coisas, a capacidade que este tem de interferir na natureza, os modos de viver e ser têm sido uma das principais causas por que estamos diante de uma crise ambiental. Talvez fosse importante pensarmos como se formam esses discursos relacionados à natureza e, principalmente, as ações do homem no meio ambiente. Será que nos entendemos como

seres pertencentes a essa natureza e ao meio ambiente? Pois bem, é dentro dessa perspectiva que este estudo se apresenta. Sendo assim, tomo a música, a partir de letras de *rock and roll*, para problematizarmos a força e a produtividade com que o discurso da crise ambiental nos interpela e nos constitui enquanto sujeitos nos dias de hoje.

Para respondermos a pergunta desta dissertação, selecionamos letras de músicas de diferentes bandas de *rock and roll* que tratam da temática ambiental. A pesquisa conta com sete bandas de diferentes localidades. A seguir, apresento de forma breve cada uma das bandas selecionadas para o estudo.

1.3 Bandas de *rock and roll* em exame: modos de constituir sujeitos ecológicos

No Brasil, a banda *Cólera* foi um dos primeiros e mais importantes grupos de *punk rock*, criado por Edson Redson Lopes Pozzi e Carlos Pierre Lopes Pozzi, e de maior duração do gênero no País. Formada em São Paulo, em 1979, a banda tinha um estilo contestador. Foi também a primeira banda de *punk rock* brasileira a excursionar pela Europa. Inicialmente, seus trabalhos eram influenciados pelo existencialismo, trazendo, em suas letras, temas como “revolução e destruição”. A partir de 1981, o grupo entra numa nova fase. O seu lema passa a ser – *A Paz no Mundo!* Diante disso, a banda assume uma postura pacifista e ecológica, produzindo um grande número de letras relacionadas à crise ambiental. Embora alguns de seus álbuns sejam de produção independente, o que torna a venda menos acessível ao público, devido à pouca divulgação, o grupo destaca-se pelo número de cópias vendidas e acessos na internet. Segundo o site oficial⁵ da banda, o grupo chegou a vender cerca de 85 mil cópias, além dos acessos na Internet.

Dessa forma, ressalto a importância da banda no cenário musical brasileiro, assim como para esta pesquisa, pois grande parte de seu trabalho evidencia a crise ambiental e social que vem nos atravessando atualmente. Dentre os vários álbuns da banda destaco *Tente Mudar o Amanhã* (1984), *Pela Paz em Todo Mundo* (1986), *Verde, Não Devaste!* (1989) e *Deixe a Terra em Paz!* (2004). A banda chegou ao seu fim em setembro de 2011, com a morte de Edson Redson.

Seguindo no mesmo contexto apresento a banda australiana de *rock* ativista, *Midnight Oil*, surgida no início da década de 1970, ressalta também, em seus trabalhos,

⁵ <http://www.myspace.com/coleraoficial>

temas relacionados à crise ambiental. Com ideais políticos e letras contestadoras, o grupo ficou conhecido no mundo inteiro por lutar pelas causas ambientais e justiça social. Dentre os vários álbuns que a banda lançou ao longo de sua carreira, ressaltamos o *Blue Sky Mining*, gravado no início da década de 1990, o qual acabou se tornando um marco na carreira do grupo e também na música mundial. De acordo com o site oficial da banda⁶, durante a turnê em Nova Iorque, na ilha de Manhattan, a banda realizou um espetáculo em frente a uma companhia responsável por um vazamento de óleo no Alasca, com o intuito de protestar a favor do meio ambiente. A manifestação atraiu a atenção do mundo para o fato acontecido. Posteriormente, o grupo lançou um documentário intitulado *Black Rain Falls*, o qual gerou fundos para o Greenpeace⁷.

Outro banda de grande importância no cenário do *rock* mundial é a alemã *Scorpions*. Formada em 1965 em Hanôver, na Alemanha, foi a primeira banda de *heavy metal/hard rock* surgida no país. Inicialmente, o grupo caracterizou-se por utilizar guitarras e vocais fortes em suas letras, mas, a partir da década de 1970, passou a assumir um estilo de música comercial. No final da década de 1980, com o lançamento do álbum intitulado *Savage Amusement* (1988), assume uma postura contestadora, dando início a uma nova fase. São ressaltados em suas letras temas relacionados a questões sociais, políticas e religiosas. Outra produção importante foi a música *Wind of Change*, que fala sobre o término da Guerra Fria e a queda do Muro de Berlim. Lançada no álbum *Crazy World* (1990), o *single* vendeu milhares⁸ de cópias em todo mundo, fazendo a *Scorpions* uma recordista de vendas na Alemanha.

De outra forma, no que tange às questões ambientais, a banda alemã gravou em 2007, no Brasil, o DVD *Amazônia: Live In The Jungle*, com objetivo de alertar para o desmatamento da floresta amazônica e o aquecimento global. O grupo realizou uma turnê denominada *Humanity Hour One* no Brasil, fazendo apresentações em Manaus, Recife e São Paulo.

Também nesse contexto, a banda *Disturbed* de *hard rock/heavy metal*, formada em Chicago, em 1995, vem preocupando-se também com questões sociais, como a política, a religião, a violência, a guerra e a poluição. Conhecida pelas participações em trilhas sonoras de filmes (*A Casa de Cera*) e games (*Guitar Hero*), o grupo vem se

⁶ <http://www.midnightoil.com/biography>

⁷ Presente em mais 43 países, o Greenpeace é uma organização global cuja missão é proteger o meio ambiente, promover a paz e inspirar mudanças de atitudes que garantam um futuro verde e limpo para esta e para as futuras gerações (<http://www.greenpeace.org/brasil/pt/quemsomos/>).

⁸ <http://www.the-scorpions.com/english/history.asp>

destacando no cenário do *rock* mundial. Segundo o site oficial⁹ da banda, o grupo conta com mais de 11 milhões de álbuns vendidos pelo mundo, sendo também a banda de maior bilheteira dos últimos anos. No álbum *Asylum*, gravado em 2010, nos Estados Unidos, destaco, entre as faixas gravadas, a música *Another Way To Die*, que fala sobre o aquecimento global. O seu videoclipe obteve mais de seis milhões de acessos na Internet.

Formado nos anos de 1980, na Geórgia (EUA), o quarteto *R.E.M* foi uma banda de *rock* alternativo de grande prestígio no cenário mundial do *rock*. O primeiro álbum do grupo, lançado em estúdio no ano de 1983, denominado *Murmur*, fez com que a banda obtivesse notoriedade e se consagrasse, como U2 e Michael Jackson, levando o *rock* alternativo ao *mainstream*¹⁰, após anos de sucesso *underground*¹¹. Com um caráter político, social e ambiental, o grupo lança vários discos de grande aceitação pelo público ainda na primeira década de existência. Após o lançamento do álbum *Green*, o sexto da carreira, o *R.E.M* é eleito pela revista *Rolling Stones* a melhor banda de *rock and roll* dos Estados Unidos. Porém, o seu auge chega com o álbum *Out of Time*, que deu ao quarteto três Grammy Awards, com as canções *Losing my Religion* e *Shiny Happy People*.

Com contratos milionários e grande sucesso comercial, o grupo torna-se um dos grandes nomes do *rock and roll*. Entre os últimos álbuns gravados pela banda, estão *Around the Sun* (2004), *Accelerate* (2008) e *Collapse Into Now* (2010). No ano de 2011, o grupo anuncia, em seu site, o fim do *R.E.M*, após mais de 20 anos de carreira, sucesso e diversos álbuns gravados.

Outra banda importante no cenário do *rock* mundial é o grupo britânico de *rock* progressivo chamado *Genesis*. Considerado por muitos como um *rock* intelectual, a banda surge na década de 1960 do século passado. Formada por Peter Gabriel, artista importante do Reino Unido, reconhecido também por ser engajado em causas sociais, e por seus companheiros Tony Banks, Mike Rutherford e Anthony Phillips. As músicas do grupo, por este ter influência tanto da música erudita quanto do *jazz* e do *rock* clássico, contam com uma estrutura harmônica complexa, arranjos elaborados e uma instrumentalização sofisticada. Importante ressaltar que a sua formação atual não se

⁹ <http://www.disturbed1.com/about-disturbed>

¹⁰ Palavra em inglês recorrentemente utilizada nas artes. Segundo o dicionário, o termo significa corrente em voga, tendência atual (Dicionário MICHAELIS).

¹¹ Expressão também utilizada nas artes para designar algo que não está na moda, na mídia. Em inglês, a palavra significa subterrâneo, secreto, em segredo, oculto (Dicionário MICHAELIS).

manteve a mesma desde seu surgimento. Já na década de 1970, Phil Collins, outro grande nome do *rock* progressivo, passa a ser integrante importante da banda. O grupo atinge ampla notoriedade nas décadas seguintes. Ao longo da carreira, grava vários discos, mas foi com seu álbum conceitual intitulado, *The Lamb Lies Down on Broadway* – bastante similar à ópera *rock*, em que as músicas têm por característica contar uma história –, que a banda conquista a crítica especializada e seus fãs. Ainda em atividade, conta com um número expressivo de cópias vendidas, atingindo aproximadamente 150¹² milhões de discos.

Mike McCready, Eddie Vedder, Stone Gossard, Jeff Ament e Matt Cameron são os componentes da banda de *rock* alternativo *Pearl Jam*. Surgida no início dos anos 1990 em Washington (EUA), o *Pearl Jam* tornou-se um dos grandes nomes do *rock* alternativo na década de 1990 nos Estados Unidos. Preocupados com causas sociais e ativistas de movimentos ambientais ao longo de sua carreira, o grupo sempre foi avesso à mídia, à fama e aos vídeos clipes. Adepta do movimento *grunge*, este considerado um subgênero do *rock* surgido no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, a banda foi uma das principais responsáveis por tornar esse subgênero bem-sucedido, devido ao lançamento de seu álbum intitulado *Ten*. Com tal álbum, em estilo *rock* anos 1970, o grupo atingiu enorme sucesso, o que acabou rendendo milhões¹³ de cópias vendidas pelo mundo.

Recentemente, a *Rock The Earth*¹⁴ premiou, no ano de 2011, com o *Planet Defender* a banda estadunidense *Pearl Jam*, por seu ativismo ecológico na categoria “Artista”, a partir da canção *Do The Evolution*, música esta que fala sobre a evolução do homem. Defensores de uma política ecologicamente correta, todos integrantes da banda, de alguma forma, participam de causas ambientalistas. Segundo a organização *Rock The Earth*, um dos objetivos grupo é compensar, por meio da utilização de portfólios de carbono e da doação de recursos para o plantio de árvores, a emissão de carbono gerada por suas viagens.

Enfim, como podemos observar, todas as bandas apresentadas demonstram um caráter político e engajamento em causas sociais. No capítulo três, mostrarei o caminho

¹² Site oficial da banda Genesis: <http://www.genesis-music.com/>

¹³ Dados do site oficial da banda: <http://pearljambyfigueira.no.sapo.pt/>

¹⁴ A *Rock The Earth* é uma organização sem fins lucrativos e de interesse público, que tem o compromisso de proteger e defender os recursos naturais da América por meio de parcerias com a indústria da música e da comunidade mundial do meio ambiente (<http://www.rocktheearth.org/joomla/>).

percorrido para chegar às letras das sete bandas que serão colocadas em suspenso, para, assim, responder as inquietações desta dissertação.

1.4 Composições de força na articulação entre Educação Ambiental e *Rock and Roll*

Por pensar no *rock and roll* como um importante artefato cultural, que é capaz de auxiliar na produção de modos de ser, existir e conviver, a partir de diferentes problemas sociais, é que o seleciono como objeto de análise para esta dissertação. Aquecimento global, derretimento de geleiras, fome, acúmulo de produção de lixo, desmatamento de florestas são enunciações recorrentes que, cada vez mais, dão o tom da crise ambiental que se instala no mundo, sem pedir licença. Nesse sentido, parece-me urgente pensar nos atravessamentos que questões como essas constituem nos modos de vida no cenário contemporâneo.

Além disso, tais enunciações acima citadas aparecem de forma significativa nas letras de *rock and roll* das bandas selecionadas para este estudo. Isso faz perceber o quanto o *rock and roll* continua mantendo um caráter contestador, ao apontar, em diferentes lugares do mundo, uma preocupação global com a situação de degradação planetária, e que ainda este gênero musical pode potencializar o pensamento da sociedade sobre os modos ecológicos de viver na atualidade.

Diante das balizas preliminares apresentadas neste capítulo, convido o leitor a olhar de forma mais aprofundada para a importância das artes em diferentes contextos sociais, políticos, econômicos e culturais. Além disso, pretendo, a seguir, evidenciar o *rock and roll* como um fenômeno cultural do século XX. Traço essa discussão para demarcar os atravessamentos entre o *rock and roll* e os acontecimentos sociais. Nesse sentido, justifico a escolha desse gênero musical para evidenciar, nos dias atuais, a preocupação com a crise ambiental que experienciamos.

CAPÍTULO 2

ATRAVESSAMENTOS CULTURAIS E CRISE AMBIENTAL NA ATUALIDADE: MODOS ECOLÓGICOS DE VIDA NO *ROCK AND ROLL*

2.1 Provocações Iniciais

As artes expressam as características culturais, políticas e sociais de cada época, por meio de suas obras, seja na pintura, na arquitetura, no cinema, na literatura ou na música. Ao percorrermos a história, deparamo-nos com obras de artistas que nos remetem às características culturais e estéticas de cada tempo. Dessa forma, ao ouvirmos as obras de Johann Sebastian Bach, um dos maiores compositores da música instrumental, somos levados ao período Barroco, assim como, nas letras de *rock and roll* da década de 1950, encontramos peculiaridades de uma música que marcou a cultura do século XX.

Diversos foram os pensadores, de distintas áreas do conhecimento, que se preocuparam em entender a relação entre arte e sociedade, criando teorias que estavam além do caráter social, abrangendo também os aspectos estéticos, históricos e filosóficos. Bay (2006, p. 3) salienta que “o traço comum a todas essas abordagens é a constatação de que arte e sociedade são conceitos indissociáveis, uma vez que ambos se originam da relação do homem com seu ambiente natural”. Corroborando com essa afirmação, Bauman (1998) entende a arte como um movimento de vanguarda que “abre” caminhos para a sociedade se guiar. Já para Machado (2010), a arte tem importância significativa para a construção e constituição da sociedade, pois

Um leque imenso de possibilidades está aberto para a intervenção problematizadora da arte: a crítica das novas formas de dominação baseada em gênero, classe, raça ou nacionalidade (as guerras imperialistas, os genocídios, o terrorismo, a migração internacional, a intolerância com relação ao estrangeiro etc.); a crítica da vigilância universal, da globalização predatória, da espetacularização da vida e da degradação ambiental (MACHADO, 2010, p. 56-57).

No mesmo contexto, ao discorrer sobre a importância da música na sociedade, o historiador José Geraldo Vince, da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), entendendo a música como uma dimensão da cultura humana, diz que essa arte está completamente assentada à sociedade da qual faz parte. Isso porque

A música revela e constrói a sociedade da qual participa, e é, ao mesmo tempo, construída por ela. A música faz parte do universo humano, da cultura humana, e obviamente influencia os modos de vida e as relações sociais dos que estão a sua volta; e a sociedade, por outro lado, está construindo a música a todo momento, reconstruindo e repensando. (VINCI, 2010, s/p).

O autor acima refere-se à construção da música e de sua relação com a sociedade como uma via de mão dupla, não se podendo separar uma coisa da outra. O autor procura mostrar o quanto música e sociedade são constituintes e constituidoras das questões sociais, políticas, econômicas e culturais de uma determinada época.

Nas últimas décadas, principalmente a partir dos anos 1980, a música, cada vez mais, desperta o interesse de estudiosos e pesquisadores, não só por parte das Ciências Musicais, como também na área da História, da Filosofia e da Sociologia, como um instrumento de grande relevância para compreender nossa história e a realidade que nos cerca.

Por ser uma forma de manifestação e expressão do homem, as artes, aqui especificamente a música, tornam-se um campo privilegiado para abordar questões e temas importantes que fazem parte do nosso cotidiano. Nesse sentido, poder-se-ia dizer que a criação artística é influenciada por diversos setores que fazem parte de nossas vidas, sejam sociais, políticos, econômicos, culturais ou de relações humanas, levando sempre em consideração a história e a diversidade cultural da sociedade em seu tempo e lugar. Além disso, a música, em seu significado próprio, comunica sentidos que, de alguma maneira, constroem subjetividades humanas.

Minha inquietação neste trabalho é investigar de que forma a música, por meio do *rock and roll*, vem contribuindo para pensarmos na crise ambiental que se instala na atualidade. Para dar conta de responder a essa investigação, selecionei sete bandas de *rock and roll* que abordam em seus trabalhos temas relacionados à crise ambiental, para, então, analisar que enunciações de natureza, meio ambiente e homem estão presentes em tais letras.

No decorrer deste trabalho, apontarei alguns movimentos sociais e musicais que tiveram, em sua gênese, a influência de questões políticas, econômicas e culturais de sua época. Nesse sentido, pretendo evidenciar o quanto arte/música e sociedade estão interligadas, justificando, assim, este estudo, bem como a importância da música para esta pesquisa, que tem como foco a crise ambiental. Para melhor demonstrar a relação entre música e sociedade, visitarei, de forma breve, os dois gêneros musicais

antecessores ao *rock and roll*: o *blues* e o *jazz*. Estes são importantes para entendermos as raízes sociais, musicais e culturais da música afro-americana, a qual viria a ser a base do *rock and roll*. De outra forma, aprofundo-me no gênero *rock and roll*, em decorrência de sua importância como movimento social e cultural do século XX e, principalmente, por ser um estilo musical contestador de questões sociais, políticas, econômicas e culturais. Seguramente, o *rock* fez-se presente como manifestação artística, estilo de vida e também como forma de protesto não só de uma juventude pós-guerra, como também de parte de uma sociedade que se manifestava contra um modelo de vida capitalista e moralista, em meados do século XX.

2.2 A Crise Ambiental em exame

Hoje, o mundo vive uma crise ambiental decorrente do modelo social, político, econômico e cultural. As transformações técnico-científicas, o aquecimento global, o derretimento das geleiras, o consumo, as toneladas de lixo, o demasiado uso dos recursos naturais: os nossos modos de ser e viver no mundo contemporâneo acabam contribuindo também para a degradação do planeta (GUATTARI, 2008). Essa realidade, que ora se apresenta, atravessa a todos que habitam o planeta Terra. Vivemos, no século XXI, uma crise social e ambiental que diariamente nos provoca a pensar na qualidade de vida e no futuro da espécie humana no planeta. Somos interpelados midiaticamente, por meio de artefatos culturais como o rádio, a televisão e a música, com questões de aquecimento global, descomedido uso dos recursos naturais, desmatamento das florestas, consumo e de produção de toneladas de lixo.

Para Diamond (2005), em seu livro *Colapso*, o autor fala sobre problemas ambientais vividos por sociedades do passado e que, na atualidade, continuamos a enfrentá-los devido ao aumento da população mundial. Certamente, demandas como as indústrias químicas e as fontes de energias fósseis tornaram-se mais problemáticas para a sustentabilidade do planeta e da vida na Terra, no que concerne ao que o autor chamou de “inchaço demográfico” ou “impulso populacional”. “A população está crescendo. Mais gente requer mais comida, espaço, água, energia e outros recursos” (2005, p. 590). A questão será: Como viveremos daqui em diante?

Não há dúvida de que o planeta Terra vive hoje um tempo de intensas transformações, desequilíbrios ecológicos, catástrofes, crescimento demográfico e que isso ameaça a vida da população. Diante de tanta devastação, percebemos que há uma

preocupação global com a crise ambiental; esta acabou tornando-se uma questão central nos meios de comunicação de massa, nas escolas, nas empresas, assim como nas organizações com chefes de estados de diversos países, na busca por encontrar alternativas para a problemática ambiental.

A década de 1960, conhecida como a era dos grandes movimentos sociais, viu eclodir no mundo uma insatisfação por parte da sociedade nas formas de viver da época. Durante aquele período, passou-se a protestar contra o modelo de vida contemporâneo que se instalara na sociedade. Aquele tempo, que ficou marcado pelo movimento feminista, pelo movimento *hippie*, pelas guerras, pela revolução de maio de 1968 na França, bem como pelo endurecimento dos governos autoritários que se instalavam na América Latina. É também nesse período que começam as lutas ambientais, com o surgimento do movimento ecológico – o que possibilitou levar a problemática ambiental para a esfera pública, atribuindo a esta uma dimensão política. Por outro lado, a partir da década de 1970, passaram a ser realizadas reuniões, congressos, conferências mundiais, com o objetivo de colocar em pauta temas como a poluição, o consumo, a utilização dos recursos naturais não renováveis e o crescimento da população mundial. Podemos dizer que, a partir desse período, começa a surgir, mais fortemente, uma preocupação com a real situação de degradação do meio ambiente e o futuro da população.

Ressalto aqui alguns dos principais encontros, como a Conferência de Estocolmo, na década de 1970; a Conferência Intergovernamental de Educação Ambiental em Tbilisi, União Soviética; e a Conferência da Organização das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a ECO-92, realizada no Rio de Janeiro; Recentemente, marcando os 40 anos da Conferência de Estocolmo, o primeiro grande evento político preocupado com o meio ambiente, 20 anos após a ECO-92, foi concebida também no Rio de Janeiro: a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20. Com o objetivo de reafirmar alguns compromissos políticos sobre o desenvolvimento sustentável, a Rio+20 abordou também temas importantes para o futuro do planeta, como a economia verde, no contexto do desenvolvimento sustentável e da erradicação da pobreza. Uma busca desenfreada pelo crescimento ilimitado, que começou na década de 1940, tendo como objetivo maior reconstruir sociedades devastadas pela Segunda Guerra Mundial, encontra, nos dias atuais, uma ampla apreensão diante de um modelo de crescimento que atenda as necessidades do século XXI.

Diante disso, podemos evidenciar a preocupação da sociedade civil, bem como dos chefes de Estados com o futuro do planeta, demonstrado por meio desses encontros pelo mundo em prol do meio ambiente. No mesmo contexto, preocupada com a real situação de degradação do meio ambiente, com a vida da população e com a qualidade de vida das futuras gerações, a Educação Ambiental (EA), “enquanto ação educativa” aparece como alternativa intercessora entre o campo educativo e a crise ambiental (CARVALHO, 2008).

A partir da Convenção-Quadro das Nações Unidas, com encontros anuais, criou-se também o Protocolo de Kyoto, em 1997, que estabelecia metas para emissão de gases na atmosfera pelos países desenvolvidos. Outro importante acontecimento foi a reunião de *Copenhagen* (2009), que teve como objetivo discutir um novo plano de ação sobre as mudanças climáticas para a substituição do Protocolo de Kyoto.

Com tudo isso, percebemos que a humanidade encontra-se hoje diante de um grande desafio: *A crise ambiental*. O olhar da sociedade está voltado para os problemas ambientais e, dessa forma, deparamo-nos diante de um bombardeio de ditos sobre a Educação Ambiental, bem como sobre a crise ambiental, os quais circulam diariamente nos veículos de comunicação de massa. A mídia tornou-se um instrumento importante para disseminação da crise ambiental perante a sociedade. Dessa forma, vem auxiliando, decisivamente, na produção de sujeitos e de seus modos de ser, estar e viver a/na contemporaneidade. Em frente a esses discursos, cada vez mais fortes e presente em nossas vidas, é que ressalto a força com que tais enunciações nos interpelam e nos provocam a pensar nessa crise ambiental instalada na atualidade. Somos capturados diariamente pela mídia que conduz nossos atos mais comuns, determinando o que deve ser feito e como devemos agir em frente aos problemas ambientais. Nesse sentido, trago alguns questionamentos: O que entendemos por meio ambiente? O que entendemos por natureza? Como pensamos o homem no meio ambiente e na natureza? Como somos atravessados por esses discursos que nos anunciam um mundo natural em oposição ao mundo humano? Como as verdades nos atravessam e nos fazem olhar o mundo de uma forma e não de outra? Foucault, ao discorrer sobre a verdade, diz que

O importante, creio, é que a verdade não existe fora do poder ou sem poder [...]. A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discursos que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a

maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 2011, p. 12) [grifo do autor].

Sendo assim, entendo a mídia, a arte, e aqui gostaria de chamar a atenção para o gênero musical *rock and roll*, como importantes artefatos culturais produtores de discursos e verdades sobre a crise ambiental. Estes ensinam-nos sobre natureza, meio ambiente e Educação Ambiental. Dessa forma, é colocando em suspenso verdades como essas, descritas em tantas letras de *rock*, que destaco a importância do gênero para este estudo. Muitas letras nos reportam à ideia de que há um mundo natural constituído em oposição ao mundo humano, um ideal de natureza “verde”, intocada, onde o homem aparece como o seu principal destruidor. Diante disso, reforço: não há uma única forma de olharmos para o mundo, para o meio que vivemos, para a natureza. Ao discorrer sobre a importância da cultura e as multiplicidades de vermos, narrarmos e relacionarmos-nos com a natureza, Guimarães ressalta que

[...] é na cultura, nesse espaço de circulação e de compartilhamento de significados, que vamos aprendendo a lidar com a natureza e, também, vamos estabelecendo nosso lugar no mundo, ou seja, sabendo quem nos tornamos dia a dia. Essa nossa inserção na cultura, no momento histórico em que vivemos, nos faz ver e estabelecer relações com a natureza de determinadas formas. Nesta direção, podemos nos perguntar: há uma única maneira de narrar, ler e ver a natureza? (GUIMARÃES, 2008, p. 88).

Ao colocar em circulação enunciações como essas, referentes à crise ambiental, a forma como nos relacionamos com a natureza, com o meio ambiente e a ação do homem no planeta, entendo que tais artefatos culturais, vão reproduzindo e constituindo discursos e verdades relacionados ao campo da Educação Ambiental. Mais uma vez, ressalto que, por verdade, entendo [...] “um conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados” (FOUCAULT, 2011, p. 14). Segundo esse autor, a verdade é produzida, fabricada a partir de discursos que fazemos circular como verdadeiro, ou seja, quando elegemos aquilo que deve ou não funcionar como verdade. Talvez fosse importante pensarmos como se formam esses discursos relacionados à natureza, principalmente os discursos vinculados às ações do homem para com o meio ambiente. Será que nós nos entendemos como seres pertencentes a essa natureza e ao meio ambiente?

Diante de tais questionamentos, gostaria de provocar o pensamento em frente a esses discursos, os quais nos fazem ver o mundo de uma forma, e não de outra. Que verdades são essas que nos atravessam, constituem e também moldam nossos modos de ser e viver no mundo? Nesse contexto, torna-se importante problematizarmos questões como essas relacionadas à natureza e ao meio ambiente, tão recorrentes na mídia, entendendo, para isso, que os veículos de comunicação são potentes na produção de saberes e verdades no campo da Educação Ambiental. Para Foucault (2011),

Há um combate ‘pela verdade’ ou, ao menos, ‘em torno da verdade’ – entendendo-se, mais uma vez, que por verdade não quero dizer ‘o conjunto das coisas verdadeiras a descobrir ou a fazer aceitar’, mas o ‘conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder’ (FOUCAULT, 2011, p.13). [grifos do autor]

Assim, diante de tais enunciações, tidas como verdadeiras em nossa sociedade sobre a crise ambiental, vamos constituindo e fabricando modos de ser neste mundo. Com isso, entendo que esses artefatos culturais colocam em funcionamento uma operação de poder. Para Foucault (2010),

[...] numa sociedade como a nossa [...] múltiplas relações de poder perpassam, caracterizam, constituem o corpo social; elas não podem dissociar-se, nem estabelecer-se, nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação, um funcionamento do discurso verdadeiro. Não há exercício do poder sem uma certa economia dos discursos de verdade que funcionam nesse poder, a partir e através dele. Somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercer o poder mediante a produção da verdade (FOUCAULT, 2010, p. 22).

Nessa correnteza, vale provocar, suscitar, problematizar enunciações como essas, que nos atravessam e nos constituem enquanto sujeitos deste tempo. De que forma somos interpelados por esses discursos ditos como verdadeiro que nos capturam diariamente com chamadas persuasivas? Como viveremos daqui em diante, já que fazemos parte de um tempo de constante desenvolvimento técnico-científico, de degradação da ecosfera e de consumo exacerbado? Para Lipovetsky (2011, p. 44), esses “fenômenos contribuíram para que a religião do progresso fosse substituída pela a temática dos danos do progresso”. Para o autor,

[...] a técnica pôs a Terra em ‘perigo de morte’. Diante dessa situação dramática, afirma-se o princípio de salvaguarda do ‘patrimônio da humanidade’, o triunfo dos valores ecológicos, o imperativo de um “contrato

natural” que crie obstáculo a ‘loucura’ tecnomercantil. Alguns apelam ao reconhecimento do valor em si da natureza, à obrigação moral de preservar a existência da humanidade a longo prazo. Outros, uma minoria, preconizam, [...] o contra modelo do ‘pós-desenvolvimento’, legando que um crescimento infinito é incompatível com nosso mundo finito e que o hiperconsumo contemporâneo se choca com os limites do planeta. A maioria faz votos por um consumo responsável e um ‘desenvolvimento duradouro’ que concilie economia com ecologia (Idem, p. 45) [grifos do autor].

Vivemos a era da transformação, da informação, das mídias, da indústria digital e do consumo; um tempo que refaz um mundo a todo instante, em que a cultura se sobrepõe a todas as fronteiras. Essa é a sociedade que Lipovetsky (2011) chamou de *era hipermoderna* – a qual é capaz de modificar “a superfície social e econômica da cultura” (p. 7). Nestes tempos hipermodernos, diante do desenvolvimento da indústria cultural e dos meios digitais, somos informados sobre o que acontece nos quatro cantos do mundo, o que conseqüentemente nos leva a sentimentos e sensações de estarmos vivendo todos em um mesmo contexto. Isso é o que Lipovetsky (2012) denominou cultura-mundo, ou cultura em escala planetária. O autor diz que a

[...] cultura mundo significa uma nova relação vivida com o fator distância, uma intensificação da tomada de consciência do mundo como fenômeno planetário, ou seja, visto como totalidade e unidade, pelo qual a globalização constitui uma nova realidade objetiva na história, sendo ao mesmo tempo uma realidade cultural, um fenômeno da consciência, da percepção e da emoção. A irrupção das novas tecnologias, o *mass media*, a internet, a rapidez dos transportes, as catástrofes ecológicas, o fim da Guerra Fria e do império soviético, tudo isso, além de haver suscitado a “unificação” do mundo, promoveu também uma maior consciência deste, junto a novas formas de ver, viver e pensar (LIPOVETSKY, 2012, p. 4-5) [grifos do autor].

A crise ambiental que se instalou em nossa sociedade é um problema que atinge a todos em escala global. Vimos surgir no século XXI um mundo inteiramente diferente do idealizado, o que nos provoca a pensar nas diferentes formas de estarmos nos constituindo e estabelecendo relações com o meio em que vivemos. Guerras, pobreza, miséria, desequilíbrios ecológicos, catástrofes etc. são questões que ameaçam a vida da população. Lipovetsky (2012) ressalta que nosso tempo é caracterizado pela unificação do mundo em decorrência da conexão de acontecimentos diante da abertura de mercados, das inovações tecnológicas, bem como dos processos da informação e da comunicação. Dessa forma, isso nos leva a pensar o quanto somos atravessados por modelos de vida, por padrões econômicos e sociais, bem como por sentimentos de medo e insegurança que cruzam a todas as barreiras e irrompem todas as fronteiras.

Além das propagandas midiáticas, das campanhas de empresas como bancos, redes de supermercados, entre outros, coloco em evidência o cinema, que também chama a nossa atenção para a crise ambiental e nos provoca a pensar no futuro do planeta. O filme *2012* (2009), dirigido por Roland Emmerich, fala de uma possível catástrofe, a qual, de acordo com o calendário Maia, atingiria a Terra em 2012. Com um panorama de destruição, desde a erupção do vulcão Yellowstone, a Califórnia sendo tomada pelo oceano, terremotos e *tsunamis*, o filme provoca medo e terror diante de um cenário apocalíptico. De outra forma, no cinema de animação infantil, destaco os filmes *Batalha por T.E.R.A* (2007) e *Wall-e* (2008), ambos apresentam discursos antropocêntricos, em que o homem aparece como o principal destruidor do planeta. Os filmes em destaque mostram, em meio às suas ficções, discursos que nos atravessam em relação ao futuro do planeta e da espécie humana na Terra. De formas diferentes, alertam para as possíveis catástrofes que o homem poderá ser acometido no futuro. Diante disso, ressalto a força com que a mídia nos interpela e nos alerta para o futuro da vida na Terra. Entendo que artefatos culturais como o cinema, o rádio, a música, a televisão, a mídia impressa etc. são ferramentas potentes que ensinam e legitimam valores, ao difundir verdades e saberes acerca da crise ambiental vivida por nós na atualidade. Esses discursos gerados pela mídia, em escala mundial, colocam também em circulação discursos de medo de perda do planeta. Corroborando dessa visão, Bauman comenta que

O que mais amedronta é a ubiqüidade dos medos; eles podem vazar de qualquer canto ou fresta de nossos lares e de nosso planeta. Das ruas ou das telas luminosas dos televisores. [...] Do que chamamos de “natureza” (pronta, como dificilmente antes em nossa memória, a devastar nossos lares e empregos e ameaçando destruir nossos corpos com a proliferação de terremotos, inundações, furacões, deslizamentos, secas e ondas de calor) (BAUMAN, 2008, p. 11) [grifo do autor].

Nos dias atuais, o medo, cada vez mais, vem tomando conta de nossas vidas. Esse sentimento, conhecido por todos os seres vivos ao longo da história da humanidade, parece que na modernidade tornou-se mais evidente. O medo de perda do planeta e do futuro da existência humana na Terra, notavelmente atinge a todos nós em escala planetária. Essa constatação reporta-me ao que Bauman chamou de medo derivado.

O 'medo derivado' uma estrutura mental estável que pode ser mais bem descrita como sentimento de ser suscetível ao perigo; uma sensação de insegurança (o mundo está cheio de perigos que podem se abater sobre nós a qualquer momento com algum ou nenhum aviso) e vulnerabilidade (no caso de o perigo se concretizar, haverá pouca ou nenhuma chance de fugir ou se defender com sucesso; o pressuposto da vulnerabilidade aos perigos depende mais da falta de confiança nas defesas disponíveis do que do volume ou da natureza das ameaças reais) (BAUMAN, 2008, p. 9) [grifo do autor].

Em tempos contemporâneos, os modos de vidas na sociedade encontram-se instáveis, provisórios. Isso nas mais variadas esferas de nossas vidas, seja nas relações de amizade, no trabalho ou na família.

Vivemos a modernidade líquida, na qual tudo se transforma rapidamente; a sociedade, a todo o momento, precisa se moldar, criando estratégias de existências em meio a um conjunto de condições e possibilidades instáveis, provisórias e mutantes. Bauman utiliza-se dessa metáfora para indicar o estado de volubilidade em que nos encontramos. Ao descrever os líquidos, Bauman salienta que

O que todas essas características dos fluídos mostram, em linguagem simples, é que os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo [...], os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas 'por um momento' (BAUMAN, 2001, p. 8) [grifo do autor].

Perante um olhar crítico, que parte do pressuposto de que a crise ambiental deriva do sistema social, tal afirmativa lança a hipótese de que só uma mudança radical nas formas de ser e viver a/na contemporaneidade seria capaz de minimizar os problemas ambientais vividos por nós em tempos contemporâneos. Frente a isso, ressalto a importância de apreendermos as formas de viver na atualidade, reinventando novas maneiras de nos relacionarmos enquanto seres sociais, em um tempo que se necessita de revoluções políticas e culturais, para que a vida na Terra esteja menos ameaçada. (GUATTARI, 2008).

Fazemos parte de uma sociedade marcada pelo consumo e para o consumo, em que tudo se transforma rapidamente. Precisamos estar atentos às grandes possibilidades de transformações constantes em que vivemos. Podemos dizer que hoje não temos mais necessidade das coisas, mas sim de um estado de incompletude e de constantes desejos. Nossa época caracteriza-se pela proliferação de uma cultura consumista, na qual há uma

multiplicidade de produtos e serviços que invade todo globo terrestre. Como salienta Lipovetsky (2012, p.18), “é o momento da comercialização quase integral de tudo – não apenas de objetos, como também da cultura, da arte, do tempo, da comunicação, da procriação, da vida e da morte”, ou seja, uma cultura *hiperconsumista*. Na sociedade de consumo e consumidores, a proposta é a satisfação de cada indivíduo, e não mais perfazer as necessidades coletivas. Bauman (2008, p. 71) acrescenta que a “sociedade de consumidores”, “[...] representa o tipo de sociedade que promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e uma estratégia existencial consumista”. Lipovetsky (2012) complementa, quando diz que vivemos em uma era de consumo diferentemente da que se dava até a década de 1970, na qual os bens adquiridos eram para benefício coletivo. Nos dias atuais, o que está em voga é o consumo individualista, marca característica da sociedade líquido-moderna. Nesse contexto, podemos dizer que estamos diante de uma nova cultura, construída e fabricada pela marca característica dos tempos atuais: *A era do consumo globalizado*. Cada vez mais, consumimos produtos de marca, roupas de grife, objetos, filmes e músicas. Corroborando com essa visão, Costa salienta que

O consumo deixou de ser uma prática banal do dia a dia, com raízes antigas, que atravessou os séculos, para se transformar no eixo das sociedades do presente, fonte de inspiração para a modelagem de uma enorme variedade de formas de vida e de padrões de relação entre as pessoas. Na sociedade de consumidores, as pessoas são, ao mesmo tempo, consumidoras e mercadorias (COSTA, 2009, p. 34).

Ao referir-se ao consumo, a autora ressalta o quanto este se tornou a linha organizadora de nossa sociedade, tanto na ordem social, política, econômica quanto cultural, na qual nascemos, crescemos e somos educados. Nesse sentido, vale fazermos algumas provocações: De que forma nos tornamos sujeitos nos dias de hoje? Como nos constituímos e somos constituídos dentro de uma sociedade consumidora?

Lipovetsky nos diz que

[...] a abundância do consumo ocidental representa um sonho para quase todos os homens, erigindo-se como uma aspiração generalizada, um ideal de vida de dimensão universal. Em nossos países, até os mais desprovidos de recursos interiorizam os valores consumistas e tornaram-se mais ou menos hiperconsumidores, particularmente de imagens e mídias (2012, p.19).

Fazemos parte de um tempo marcado pela cultura da mídia, pelos meios de comunicação de massa, que influencia a todos nós. Dessa forma, a todo o momento,

estamos nos constituindo, modificando e tornando-nos sujeitos no mundo de hoje. Bauman (2001) afirma que o consumo é o eixo organizador das sociedades do presente, nas quais se articulam as formas de ser e viver na contemporaneidade.

A crise ambiental pela qual estamos sendo atravessados hoje virou moeda forte em campanhas publicitárias, filmes de animação, propagandas midiáticas, divulgações em empresas governamentais e não-governamentais. Dessa forma, os meios de comunicação de massa constituem modos de vida, discursos e verdades, com campanhas massivas relacionadas à Educação Ambiental, o que está sempre ligado a uma estratégia de proteção ao mundo atual. (HENNING, RATTO E GARRÉ, 2010).

Há uma emergência da crise ambiental vivida por todos nós na atualidade. Diante disso, vale perguntarmo-nos: de que forma somos capturados por esses discursos, que a todo o momento nos convidam a fazer a nossa parte, para que assim possamos salvar nosso planeta? É importante pensar de que forma viveremos daqui em diante neste planeta, já que vivemos um período de constantes transformações técnico-científicas, de intenso crescimento demográfico, de desemprego, de ansiedade, de angústias. Neste sentido, Carvalho (2008) salienta que existe um jeito de ser sujeito ecológico no mundo de hoje: um novo estilo de vida, com modos próprios de pensar o mundo e de pensar a si mesmo e as relações com os outros neste mundo.

Esse modo ideal de ser e viver orientado pelos princípios do ideário ecológico é o que chamamos de sujeito ecológico. O sujeito ecológico é um ideal de ser que condensa a utopia de uma existência ecológica plena, o que também implica uma sociedade plenamente ecológica.
(Idem, p. 65).

Esse sujeito ecológico é produzido em diferentes locais. Hoje em dia, parece-nos imprescindível voltar nossa atenção para esses espaços produtores de saberes: a mídia, a música, o cinema, *o rock and roll* são pedagogias culturais, que nos ensinam, educam-nos e, a todo o momento, produzem modos de vida para o mundo de hoje. Diariamente, somos incitados a pensar nessa crise ambiental por meio desses discursos referentes à perda do planeta. Nessas visões, antropocêntricas, o homem aparece como o principal destruidor do meio em que vivemos.

É necessário olhar a forma como recorrentemente entendemos essa crise, pois os discursos referentes à perda do planeta, do qual somos alvos diariamente, mostra-nos o quanto a crise ambiental é consequente da relação do homem com a natureza e da

inadequada utilização de seus recursos naturais; do desenvolvimento tecnológico; da urbanização; da pobreza; e, principalmente, do nosso estilo de vida consumista.

É preciso um maior entendimento e compreensão sobre o estado de degradação do meio ambiente e das relações sociais, por meio de ações políticas, sociais e culturais. Carvalho (2008, p. 37) ressalta que é preciso renovar a nossa visão de mundo e entender “o meio ambiente não como sinônimo de natureza intocada, mas como um campo de interações entre a cultura, a sociedade e a base física e biológica dos processos vitais”. Trata-se, portanto, de uma visão socioambiental. Nesse sentido, a autora salienta a importância de entendermos o meio ambiente como um espaço fundamental de relação entre sociedade e natureza, apreendendo o homem como um atuante das relações sociais, naturais e culturais. Corroborando essa afirmação, Grün diz que

Uma das principais causas de degradação ambiental tem sido identificada no fato de vivermos sob a égide de uma ética antropocêntrica. No sistema de valores formado em consonância com essa ética, o Homem é o centro de todas as coisas. Tudo o mais no mundo existe unicamente em função dele. O Homem é centro do mundo (2007, p. 23).

O autor acima refere-se ao antropocentrismo como uma das principais causas de degradação do meio ambiente; questão, aliás, que será mais densamente discutida no Capítulo três desta dissertação. Ainda segundo o autor, a procedência de vivermos dentro dessa cultura, em que o homem aparece como o centro do universo, dá-se no período renascentista, com o nascimento do Humanismo. A partir desse período, há uma valorização do indivíduo em todas as esferas sociais: na arte, na política, na religião etc..

Neste momento, apresento primeiramente os estilos musicais antecessores do *rock and roll*: o *blues* e o *jazz*. Em seguida, apresentaremos o gênero musical escolhido para este estudo, a fim de mostrar o quanto música e sociedade são constituintes e constituidoras de questões sociais, políticas, econômicas e culturais.

2.3 Antecessores do *Rock and Roll*: *Blues* e *Jazz*

Antes de adentrar no gênero musical escolhido para este estudo, gostaria de discorrer, de forma breve, sobre as raízes musicais do *rock and roll*: o *blues* e o *jazz*. A justificativa pela seleção desses gêneros musicais dá-se porque estes são a maior fonte musical do *rock*. Além disso, também tiveram importância como manifestação social e cultural no final do século XIX e início do século XX. Ressalto que minha proposta não

é traçar uma história cronológica desses estilos musicais, nem mesmo especificar cada gênero, mas sim mostrar as raízes culturais de dois estilos musicais que se caracterizaram por contar a vida e o sofrimento de um povo. A partir da dor e da angústia desse povo, transpostas em letras e sons musicais, embriagamo-nos com a beleza de uma música que representa parte de uma cultura afro-americana. Nesse contexto, reforço a importância dessa arte para este estudo, pois é um importante artefato cultural que reproduz e também produz discursos e verdades, os quais nos atravessam na narrativa de nossa história, de nossa sociedade. Nessa correnteza, podemos dizer que música e sociedade são constituintes e constituidoras de questões sociais, políticas, econômicas e culturais. Ao longo do tempo, a música vem fazendo-nos olhar o mundo a partir de diferentes versos, de diferentes vozes.

Com o tráfico de escravos, que perdurou por praticamente três séculos, milhares de africanos foram retirados de suas terras e levados para os Estados Unidos, com o pretexto de que seriam catequizados. Estes carregavam consigo quase que exclusivamente a sua música, seus cantos e seus ritmos. Em outro aspecto, no que tange as questões mais específicas da música, poderíamos dizer que os escravos trouxeram na sua memória a complexidade rítmica, algumas escalas não clássicas, como a pentatônica, a qual se caracteriza pela diminuição de um semitom¹⁵ (da 3ª e 7ª nota) na escala europeia; e alguns modelos musicais como o chamado-e-resposta – estes seguramente encontrados no *blues* e no *jazz*. Outro aspecto importante a destacar são as *field rollers* (ou *work-songs*): os gritos dos negros; e os *spirituals*, estilos vocais trazidos pelos escravos, apresentados como um instrumento de trabalho, do qual os negros se utilizavam para aliviar o sofrimento do dia a dia nas fazendas. É importante ressaltar que os africanos não puderam trazer seus instrumentos, pois os feitores temiam que seu uso pudesse gerar tumultos e rebeliões. Dessa forma, isto fez com que os escravos aprimorassem a sua lembrança vocal e se aproximassem dos instrumentos dos brancos e, com isso, da cultura americana. Podemos dizer que foi a fusão desses elementos referenciados acima que vimos surgir, tempos depois, o *blues* e o *jazz*. Segundo Muggiati (1983, p. 14), “o jazz nasceu desse ato de violência”; a escravidão contribuiu para o surgimento de uma música que tentava aliviar o sofrimento de um povo. No que se refere ao *blues*, Pinheiro e Maciel (2011, p. 229) dizem que [...] “o blues estava nascendo como resposta às segregações sofridas, e igualmente como uma manifestação

¹⁵ Semitom é a menor distância existente entre duas notas contíguas que não admitem, entre si, nenhuma outra (PAULI *et al.*, 1994).

cultural própria, necessária no cotidiano de toda uma sociedade”. Corroborando essa afirmação, Vidossich ressalta que o nascimento do *blues*

[...] marca uma data importante na história música; após 250 anos de opressão, os ex-escravos conseguiram criar, com o “Blues”, a sua mais alta expressão musical. Essa música conta toda a história da raça negra, toda a sua dolorosa odisséia: a esperança, a angústia, o grito de dor, a dramaticidade dos episódios cotidianos; é uma epopeia vivida. Amor, perseguição, trabalho, álcool, linchamento, cadeia, inundações do Mississippi, são alguns de seus temas, nos quais transparecem às vezes pontas de ironia e de humorismo, mas que, sobretudo refletem uma tristeza íntima no coração de quem canta (1957, p. 184) [grifo do autor].

Para o autor, o *blues* nascia como uma forma de protestar contra o sofrimento de um povo diante da escravidão. Foram nas plantações de algodão (Figura 1) que seus cantos aliviavam e embalavam as intermináveis jornadas de trabalho.



Figura 1: Plantações de algodão

Foi a partir dessa manifestação cultural que os negros se expressavam; a música, o *blues*, o *jazz*, tornou-se um grito de dor. Oriundos da terra dos símbolos, dos mitos, da religião, da música e da dança, os africanos viam na arte uma forma expressiva de se comunicar. Para Vidossich (1957), a música, o som e o ritmo tinham um papel social importante entre os africanos. Para o autor, “os escravos utilizavam os tambores para transmissão de mensagens de fazenda em fazenda, de aldeia em aldeia, de plantações em plantações” (Idem, p. 178). Pode-se dizer que, a partir dessas mensagens trocadas entre esses sujeitos, as quais foram denominadas de *calls*, tornar-se-iam uma das

primeiras manifestações musicais dos negros nos Estados Unidos. Como já mencionado, as *field-rollers* (ou *work-songs*) consistiam nos cantos de trabalho dos negros, que os acompanhavam durante as intermináveis horas de afazeres nas fazendas e plantações de tabaco e algodão. Conforme destacam Pinheiro e Maciel (2011, p. 227), como os negros eram “privados do lazer, a musicalidade encontrou seu espaço em um dos únicos ambientes de convivência coletiva: o trabalho”. Nesse mesmo contexto, ressalto também os *spirituals*: manifestações oriundas de passagens da Bíblia; essas, segundo Vidossich (1957, p. 179), acabaram se tornando, para os escravos, “um verdadeiro hino de batalha, além de um protesto contra qualquer forma de servidão, perseguição ou opressão”. Dessa forma, é possível dizer que esses cantos procedentes de cultos religiosos, *os spirituals*, estariam relacionados ao que Pinheiro e Maciel (2011) dizem sobre outras explicações quanto ao surgimento do *blues*. Segundo esses autores, a aparição desse gênero musical (o *blues*) não estaria somente relacionado às plantações nas quais os escravos trabalhavam arduamente, mas sim nos espaços de manifestações religiosas. Ressalto aqui que o canto *spiritual* não significa o mesmo que o *blues*, mas um tipo de canto religioso encontrado no *blues*. Ainda para Pinheiro e Maciel (2011, p.227), uma forma de os negros adentrarem a cultura dos brancos estadunidenses seria por meio da evangelização, mas “os cultos de origem africana eram estritamente proibidos”. Isso pode ser visto em canções da época que manifestavam essa dor. Em suma, podemos dizer que tais estilos musicais se caracterizaram por estar sempre acompanhados de muita expressividade. Cada nota tocada e cantada embeleza ainda mais esta arte: a música (Figura 2).



Figura 2: Músicos reunidos

Com essa breve contextualização, meu objetivo foi mostrar o caráter social do surgimento de dois gêneros musicais importantes na nossa história e que marcou a luta, narrou o sofrimento e contou o cotidiano de um povo discriminado. Segundo o historiador Hobsbawm (2011, p.66), “o ponto importante a respeito do *blues* é que ele marca uma evolução não apenas musical, mas também social: o aparecimento de uma forma particular de canção individual, comentando a vida cotidiana”. No que se refere ao *jazz*, Muggiati diz que:

O negro já estava na América há quase três séculos quando finalmente tudo ficou pronto para o nascimento do *jazz*. Nesse mesmo tempo, a música que o africano trouxera na sua longa travessia fora submetida a uma infinidade de mutações, absorvendo e modificando outras formas, das mais variadas procedências. Este fenômeno único de fusão cultural resultou na arte por excelência do novo século, trepidante e cheio de contrastes. Mas, por de trás de cada nota do *jazz*, se podiam ouvir ainda aquelas vozes de um passado distante, de uma terra distante: a África (MUGGIATI, 1983, p.26).

Como mostram os autores acima referenciados, tanto o *jazz* quanto o *blues* passaram por modificações musicais quanto culturais. Minha proposta, neste momento, teve como escopo apontar as raízes sociais desses gêneros musicais que tanto influenciaram no surgimento do *rock and roll*. Portanto, não aprofundarei nas especificidades de cada um desses estilos musicais, os quais passaram por várias fases ao longo de seu desenvolvimento até atingirem a forma como os conhecemos.

De origem afro-americana, com ritmos sincopados e vibrantes, a música negra tornar-se-ia a base do *rock clássico*. Foi a partir da “voz rouca e sentimental e as vocalizações de chamado-e-resposta características dos trabalhadores negros” (FRIEDLANDER, 2010, p. 31) que vimos surgir, em meados do século XX, um dos maiores fenômenos musicais e culturais que deu voz a uma juventude pós-guerra: o *Rock and Roll*.

2.4 Rock and Roll: fenômeno cultural do século XX

One, two, three o'clock, four o'clock rock/ Five, six, seven o'clock, eight o'clock rock/ Nine, ten, eleven o'clock, twelve o'clock rock/ We're gonna rock around the clock tonight/ Put your glad rags on and join me hon'/ We'll have some fun when the clock strikes one/ We're gonna rock around the clock tonight/ We're gonna rock, rock, rock, 'till broad daylight/ We're gonna we're gonna rock around the clock tonight/ When the clock strikes two, three and four/ If the band slows down we'll yell for more/ When the chimes ring five, six, and seven/ We'll be right in seventh heaven/ When it's eight, nine, ten, eleven too/ I'll be goin' strong and so will you/ When the clock strikes

twelve we'll cool off then/ Start rockin' 'round the clock again (Rock Around The Clock, Bill Haley e os Cometas, gravado em 1954).

Neste estudo, que tem a música como o instrumento principal de análise para pensar a sociedade e a crise ambiental, optei pelo gênero *rock and roll*. Este foi um fenômeno cultural do século XX, surgido nos EUA, que conquistou o mundo, permanecendo até os dias atuais. Mugnaini Jr. (2007, p. 10) afirma que “nunca a música teve tamanha importância para a sociedade, e nenhum tipo de música tem sido tão influente quanto o *rock and roll* [...]”. Nesse sentido, para ilustrar a importância desse gênero musical, de estrutura harmônica tão simples, mas que se tornou uma forma de comportamento de toda uma juventude, trago para este texto um pouco das raízes musicais do *rock and roll* e resalto a importância deste como movimento cultural. Para Foucault o *rock*,

[...] faz parte integrante da vida de muitas pessoas, como também é indutor de cultura: gostar de rock, gostar mais de tal tipo de rock do que de outro é também uma maneira de viver, **uma forma de reagir**; é todo um conjunto de gostos e atitudes. O rock oferece a possibilidade de uma relação intensa, forte, viva, “dramática” (no sentido que ele próprio se oferece em espetáculo, de que a audição constitui um acontecimento e é encenada), com uma música que é pobre em si mesma, mas através da qual o ouvinte se afirma; [...] (FOUCAULT, 2009, p. 393) [grifo meu e, posterior, do autor].

Para o autor, o *rock* tornou-se um modo de vida de uma geração. Por ser considerado um movimento cultural, além das raízes musicais, o *rock* compreendia toda uma forma de ser, viver e agir dentro de um contexto social. A relação entre os jovens, a música, os músicos, as vestimentas e os artefatos utilizados possibilitaram a toda uma juventude uma forma de afirmar-se enquanto indutores de uma cultura que evidenciava uma época.

A Segunda Guerra Mundial deixara perdas incontestáveis: a morte de milhões de pessoas e um cenário de devastação incalculável. O mundo que surgiu pós-guerra acabou por se dividir entre socialistas e capitalistas. De um lado a União Soviética; de outro, os Estados Unidos. A polarização fez com que isso determinasse um futuro incerto, que seria marcado por um período de constante insegurança. Durante aquele período, os EUA obtiveram um crescimento econômico muito elevado, com destaque para a agricultura e para um notável desenvolvimento no setor industrial. Os anos que se seguiam à guerra eram de prosperidade devido à situação econômica que atravessava os

estadunidenses, principalmente a partir da década de 1950. A sociedade americana era vista como a terra dos bens de consumo, do elevado desenvolvimento da produção industrial. Começava a batalha americana para tornar-se uma superpotência capitalista, com o desígnio de dominar todo o território ocidental.

A situação financeira das famílias norte-americanas estava em ascensão, o que acabou levando ao surgimento de um novo grupo de consumidores. Com a ajuda de custo dessas famílias, os jovens que, embora passassem a ter menos obrigações perante o trabalho, adquiriram, ao mesmo tempo, um maior poder de compra, o que os tornou alvo da indústria americana. Itens como roupas, *fast food*, carros e música foram alguns dos artefatos consumidos por esse novo público.

É nesse cenário, de produção industrial, expansão de economia de consumo dos países ocidentais e de desenvolvimento dos meios de comunicação, é que surge o *rock and roll*. Uma música simples, influenciada pelo *folk* e o *country*, estas consideradas “músicas dos brancos”, e também pelo *blues*, o *jazz*, o *gospel* e o *rhythm and blues* (R&B), estilos musicais dos negros. O *rock and roll*, surgido da evolução dos ritmos negros, das classes baixas, passou a ser consumido por jovens brancos, da classe média, o que tornou uma ameaça ao equilíbrio de uma sociedade norte-americana conservadora. Isso porque,

Muitos jovens dos anos 50 viam no rock and roll uma expressão de rebeldia e de uma inquietude crescente contra a perceptível rigidez e banalidade de uma época dominada por políticos republicanos conservadores e pela musicalidade de Mitch Miller. O rock and roll lhes deu um senso de comunidade, como dariam os protestos antiguerra da geração seguinte (FRIEDLANDER, 2010, p. 46).

A sensação gerada por esses ritmos é de emoção, excitação. É também um convite à dança. Isso porque a raiz do *rock* continha características altamente sensuais, herdadas da cultura africana, o que acabou, à época, escandalizando a sociedade tradicional e moralista norte-americana. A mistura desses gêneros musicais trouxe, em sua origem, elementos que serão encontrados no *rock and roll*. Tratava-se de uma música negra, sensual, feita para uma juventude pós-guerra, que passava a questionar o modelo de comportamento americano. Enquanto as letras de alguns músicos de *rock* abordavam temas de amor, outras traziam a necessidade de uma juventude descontente com os paradigmas de sua época. A liberdade de expressão começava a se contrapor ao conservadorismo da sociedade norte-americana. A forma como os músicos se

comportavam nos palcos, os vocais pesados e as letras continham elementos que acabaram sendo considerados, naquele tempo, um ataque à decência sexual. Para alguns historiadores, o advento dessa música impulsionou a separação de uma juventude do controle familiar, em um tempo em que os jovens desconheciam esses modos de ser e de viver.

[...] voz grave e rouca, sua sexualidade transparente e seu som pesado agora alimentado pela guitarra elétrica, tudo isso parecia bem mais atrativo a milhões de jovens, inicialmente americanos, mas logo por todo mundo, o que pareciam procurar seu próprio estilo de vida (CHACON, 1995, p.10).

Com o nascimento do *rock and roll*, que significa balançar e rolar, nasce também toda uma cultura juvenil, baseada em modelos de comportamentos, modos de ser, pensar, vestir e agir. Esse fenômeno cultural do século XX pode ser considerado como o único estilo musical, até os dias atuais, capaz de transformar milhões de jovens pelo mundo. O *rock and roll* aparece como uma expressão artística da tecnologia. Por meio desta, toda uma juventude reprimida pela guerra busca romper com o conservadorismo, com padrões de comportamento de uma época, clamando por mudanças e sonhando com um mundo melhor.

O advento do Rock'n Roll nos EUA na década de 50 pode ser considerado uma revolução na tradição juvenil seguida até ali. Foi a partir dele que o mundo passou a assistir a profundas mudanças emergidas dos sujeitos sociais juvenis que o aderiram e, daquele momento em diante, passariam a não aceitar mais viver à sombra de seus pais ou de modelos sociais pré-estabelecidos, como costumava ser até então (RAMOS, 2009, p.3)

Um dos pioneiros do *rock and roll*, Bill Haley, aparece com a música *Rock Around The Clock*, o primeiro grande sucesso do *rock and roll* gravado em 1954, mas que só viria a fazer sucesso quando veiculada no filme *Sementes da Violência*, em 1955. Essa canção foi responsável por levar, por meio do cinema, o estilo jovem roqueiro para quase todo o mundo. A aparição dessa música no cinema rendeu a Bill Haley muito sucesso e sua marca na história do *rock*, vendendo mais de 30 milhões de cópias desde seu lançamento. Trazendo experiência do *country*, do *blues*, do *jazz* e do *rhythm and blues*, Bill Halley criou uma música rápida, ritmada e dançante, que narrava o modo de vida dos adolescentes dos anos 1950 (FRIEDLANDER, 2010).

Dono de uma voz rouca, o mundo conheceu um jovem branco, bonito, com todo um jeito sensual/sexual de dançar, Bill Halley acabou se tornando o primeiro astro do

rock, fazendo sucesso também no cinema, com o filme *Love me tender* (1956) – Elvis Presley. Por estar dentro dos padrões estabelecidos da época, a imagem do cantor agradava a sociedade. Elvis, the “Pelvis”, como ficou conhecido pela sua maneira sensual de dançar, foi um dos primeiros “produtos” da indústria fonográfica a ser trabalhado, dando maior visibilidade ao gênero e obtendo uma maior aceitação da sociedade americana e mundial.

Muitos foram os nomes que contribuíram para o *rock and roll*, como Chuck Berry, sendo considerado, para muitos, o pai do *rock*. Tratava-se de um músico completo, que se preocupava em trazer para suas letras, temas importantes como romance, sexo, trabalho, carros, dança, família e *rock and roll* (FRIEDLANDER, 2010).

Além da indústria fonográfica, o cinema hollywoodiano teve uma participação muito importante para a divulgação do *rock and roll*. Como já mencionado anteriormente, a música usada como trilha sonora no filme *Sementes da Violência* (1955) gerava o maior transtorno nos lugares onde este era exibido, traduzindo a rebeldia que representava a violência dos jovens ocidentais. Já no Brasil, a estreia do filme *Ao Balanço das Horas* (1956), com Bill Halley, foi motivo de depredação do Cine Paulista, cinema recém-inaugurado na Avenida Paulista, em São Paulo. Astros do cinema, como Marlon Brando (*Um Bonde Chamado Desejo*, 1951; *O Selvagem*, 1954) e James Dean (*Vidas Amargas*, 1954; *Juventude Transviada*, 1955), tornam-se ídolos da juventude na década de 1950. Por meio do cinema, o mundo conheceu a imagem visual do que viria a ser um roqueiro – calças *jeans*, camisetas e casacos de couro, além de seus topetes.

Da mesma forma, foi por meio dessa arte que o *rock and roll* surgiu no Brasil, em meados da década de 1950, com a exibição do filme *Sementes da Violência* (1955). O gênero instala-se definitivamente, no ano seguinte, com a música *Rock Around the Clock* (*Bill Halley And His Comets*). Esse ritmo, que o Brasil passara a importar da camada jovem pós-guerra, foi o principal responsável por banir dos meios de comunicação os gêneros musicais brasileiros como o samba, o choro e o baião (TINHORÃO, 1998, p. 352).

A primeira canção gravada no Brasil foi uma versão em português da música *Rock Around the Clock*, interpretada por Nora Ney. A condição de desenvolvimento pela qual o Brasil se encontrava, em decorrência da política de Juscelino Kubitschek, favoreceu com que o *rock* conquistasse um espaço significativo em meio a uma

juventude eufórica com as transformações da época. O primeiro grande sucesso de *rock* deu-se com a canção *Estúpido Cupido* (1959), interpretada por Celly Campelo, que acabou se tornando a primeira expoente do *rock* brasileiro. Outros nomes, como Roberto Carlos, Erasmo Carlos, Raul Seixas, Rita Lee, Renato Russo, Cazuza, fizeram-se importantes na história do *rock* brasileiro.

Desde seu surgimento, o *rock* atribuiu um sentido contestador, seja político, social ou cultural. Esse gênero, nos anos 1950, descreve principalmente a vida dos jovens norte-americanos do pós-guerra, representada por meio de letras de músicas, conforme mencionado anteriormente. Em contrapartida, no fim dos anos 1950 e início da década de 1960, o *rock* passou a adquirir um sentido de ativismo político. Eram tempos de Guerra Fria. a sociedade começara a protestar. Sonhar, almejar e idealizar uma sociedade melhor para todos são anseios que emergiram na década de 1960 do século passado. Os jovens entram em cena, buscando um mundo mais justo. As letras de música passaram a criticar os valores e comportamentos da sociedade tradicional. Esse movimento de contracultura criava alternativas que se contrapunham à vida rígida e conservadora dominada pela Guerra Fria. Os artistas que faziam parte da comunidade da contracultura, durante essa época, eram adeptos do uso de drogas alucinógenas. Estes acreditavam que o uso desses entorpecentes aumentava a qualidade de vida e a criatividade artística (FRIEDLANDER, 2010).

As canções continham um conteúdo crítico, com uma preocupação social, ressaltando em suas letras temas contemporâneos, como a Guerra do Vietnã. No cinema, *Hair*, dirigido por Milos Forman (1979), é uma versão da peça escrita por James Rado e Gerome Ragni, estreada na Broadway, em 1967. O filme representava o ideário do que foi o movimento da contracultura nos Estados Unidos. Abordando temas como o pacifismo, o amor livre, o uso de drogas alucinógenas, o filme retratava todos os temas deste movimento, a saber: a segregação racial, a polícia, os militares, a propriedade privada e a família tradicional burguesa, criticando o modelo de sociedade capitalista e individualista norte-americana (ALBUQUERQUE, 2009). Por meio de uma vida comunitária, os jovens de cabelos longos e desarrumados, opunham-se ao modelo de controle e rigor do estilo de vida da época. Dessa forma, a década de 1960 ficou marcada pelo surgimento desses grandes movimentos sociais, como a contracultura, o movimento ecológico, o movimento feminista, o movimento *hippie*, entre outros. No cenário musical, essa década é lembrada pelos festivais de *rock*. Importantes nomes do gênero, como Bob Dylan, Janis Joplin, Jimi Hendrix, Rolling Stones, entre outros,

participaram ativamente dos grandes eventos. Festivais como *Newport Folk Festival* (1965), *Woodstock* (1969) e, logo depois, o *Festival de Altamont* (1969) reuniram milhares de pessoas em prol dos mesmos objetivos.

A importância de destacar esses festivais dá-se pelo número de pessoas que foram reunidas em prol de uma mesma causa. O festival de *Woodstock*, 1969, por exemplo, realizado em Bethel, Nova Iorque, reuniu milhares de pessoas que tinham como propósito o movimento da contracultura.

Mais de 400 mil pessoas, sob o *slogan* de *3 DAYS of PEACE & MUSIC*, participaram do festival. Este ficou marcado por sexo, drogas e *rock and roll* (Figura 3). As bandas de *rock* de cunho crítico manifestavam-se com críticas sociais, contra a Guerra do Vietnã e em favor da liberdade, do sexo e das drogas.



Figura 3: Festival Woodstock, 1969.

A partir da década de 1980, importantes festivais de *rock* foram realizados com finalidades mais específicas. O *LIVE AID* (Figura 4), realizado em 13 de julho de 1985, tinha como propósito arrecadar alimentos para a fome na Etiópia.



Figura 4: Festival Live Aid, 1985.

O evento entrou para história também por mobilizar o maior número de pessoas, ao mesmo tempo, no mundo inteiro. O festival aconteceu simultaneamente em Londres (Inglaterra) e na Filadélfia (EUA); foi também o primeiro a ser transmitido por satélite e televisão, sendo projetado em larga escala para mais de 160 países. Foi assistido por mais de 1,5 bilhões de pessoas e arrecadou mais de 245 milhões de dólares. O mega evento entra para a história da música mundial. O dia 13 de julho torna-se o Dia Internacional do *Rock*.

No Brasil, em 1985, acontecia a primeira de edição do *Rock in Rio* (Figura 5). Importantes nomes do *rock* internacional e nacional participaram do evento, que foi assistido por 1,4 milhões de pessoas. Na terceira edição, realizada em 1991, decidiu-se por realizar três minutos de silêncio pela paz e um mundo melhor.



Figura 5: Festival *Rock in Rio*, 1985.

Desde 2010, acontece, em Paulínia, interior de São Paulo, o festival *SWU Music and Arts* (Figura 6). A sigla SWU indica a expressão “Starts With You”; em português, “Começa Por você”. Paralelamente ao festival, acontece o Fórum Global Mundial, o qual, na segunda edição (2011), contou com o tema “Consciência e atitude”. O objetivo do festival, que tem duração de três dias, é reunir artistas, empresários, políticos, organizações não-governamentais para discutir sobre a sustentabilidade e o meio ambiente por meio de debates e palestras.

Dentre as propostas do festival, destaco a intenção do movimento em buscar mobilizar as pessoas para pequenas atitudes, as quais podem contribuir para grandes mudanças: um mundo mais digno para todos, com menos degradação e mais preocupação com o consumo exacerbado. O evento dispõe também de vários latões para que o lixo produzido durante o festival seja coletado e reciclado.

A instituição italiana *Eco Vision*, que promove o festival de cinema sobre a sustentabilidade, foi uma das grandes atrações da segunda edição do festival. Nessa ocasião, o público presente pôde contar com apresentações ao ar livre.



Figura 6: Festival SWU, 2010.

No início da década de 1960, a segunda geração do *rock* clássico entrava em declínio. Os músicos passaram a ser vítimas do governo, da igreja e de líderes civis.

Esse período foi considerado de transição para essa música. “Uma forte pressão exercida por líderes religiosos e seculares, órgãos oficiais e interesses de gravadoras junto à indústria fonográfica serviu para enterrar o *rock* dos anos 50” (FRIELANDER, 2010, p. 105). O *rock* só voltaria a invadir a América com a chegada de um dos quartetos mais famosos do mundo: os *Beatles*.

Nos anos 1960, surgia na Inglaterra uma nova batida, procedente da mistura do *rock* clássico, *rockbilly*, *blues* e *pop*. A fusão desses ritmos, liderada pelo *Beatles*, viria a ser considerada o gênero musical de maior sucesso comercial e de crítica da história da música popular. Introduzindo novas questões políticas e culturais, o impacto dessa música proporcionou uma grande mudança na cultura ocidental. Nesse período, a evolução das tecnologias da comunicação e do *marketing* acabaram possibilitando ao quarteto de Liverpool transmitir ao maior número de pessoas as mensagens e os conteúdos de suas letras.

Outra banda inglesa de grande sucesso no *rock and roll* foi o *Rolling Stones*. Liderada pelo cantor Mick Jagger, a banda ficou conhecida no cenário musical por se utilizar de instrumentos excêntricos e de orquestras. Muitas de suas letras continham um caráter social, algumas destas retratavam a tristeza e a depressão, enquanto outras criticavam o discurso antidrogas de uma sociedade que se utilizava de tranquilizantes para enfrentar a vida.

Segundo o historiador Friedlander (2010), o *rock* pode ser dividido em cinco fases. A primeira vai de 1954 a 1955, que é denominada *rock and roll* clássico; a segunda, de 1963 a 1964, é a chamada “invasão inglesa”; a terceira, de 1967 a 1972, a “era de ouro”; a quarta, de 1968 a 1969, o *hard rock*; e a quinta, de 1975 a 1977, o *punk rock*. O mesmo autor ressalta que

Existem divisões naturais durante o primeiro quarto de século da música pop/rock [...]. Estes novos gêneros não surgiram do nada, mas foram habilmente construídos pela fusão de elementos criativos de estilos existentes. Os novos estilos tendem a surgir e existir em um nível regional, escondido de um público maior, antes de explodir em um conhecimento de massa. Esta dinâmica de desenvolvimento foi verdadeira para todas principais explosões do rock (FRIEDLANDER, 2010, p. 18).

Para fazer o fechamento dessa breve contextualização do *rock*, rapidamente abordarei uma das ramificações deste gênero musical: o *punk*. A escolha de falar brevemente sobre o *punk rock* justifica-se por este ser um estilo de *rock* contestador e

por surgir, principalmente, como uma crítica ao próprio *rock and roll* dos anos 1950 e 1960.

O *punk rock*, musicalmente, é uma volta às raízes do *rock* clássico (anos 1950) e do *rock* de garagem (anos 1960). Dono de um ritmo enérgico, surgido em meados da década de 70, este é considerado um movimento de cunho crítico, de amplo conteúdo político em suas letras, sempre contestando o estado ou qualquer outra instituição reguladora. Considerado um dos estilos musicais mais contestadores, as bandas assustavam a sociedade pela sua vestimenta, suas formas de comportamento e pelas distorções de suas guitarras.

De acordo com o historiador Friedlander (2010), para o surgimento desse gênero musical existem duas teorias antagônicas. A primeira baseia-se num cenário de declínio da economia britânica, marcado pelo desemprego e pela violência. Com salários baixos e difícil acesso à educação para as classes menos favorecidas, o *punk rock* surge como uma forma de os jovens descontentes com a atual situação da Inglaterra se manifestarem por meio de uma música que viria a ser agressiva e repleta de atitude e estilo. Dessa forma, receosos com um futuro incerto, passavam a mostrar, por meio da música, suas indignações e insatisfações com o sistema, manifestando muita rebeldia e provocações.

A segunda teoria fundamenta-se no estilo e nas atitudes, pois estes estariam pautados por um movimento musical originário da escola de arte. Os principais integrantes das bandas de *punk rock* e importantes empresários desse gênero teriam frequentado as escolas de arte, trazendo, para essa música, conceitos estéticos, teorias de subversão e discussões sobre choque de valores. Algumas das bandas de maior sucesso do gênero são *Sex Pistols*, *The Clash*, *Ramones* e, no Brasil, a banda *Cólera*, considerada o grupo de maior duração desse gênero. Essa banda brasileira tem sido um grupo importante para pensarmos a crise ambiental instalada na atualidade. Tal grupo, que fará parte deste estudo, contempla em seu repertório um número bastante elevado de letras sobre a temática ambiental.

Minha proposta, nessa seção, foi apresentar ao leitor o gênero musical *rock and roll*, o qual é considerado um dos maiores fenômenos culturais do século XX. Com a pretensão de evidenciar a importância da música na sociedade e a escolha do gênero para pesquisa, que tem como aspiração problematizar o discurso de crise ambiental em âmbito mundial, é que expus um pouco da história e da importância do *rock and roll* para pensarmos a crise ambiental na contemporaneidade.

Sendo assim, convido o leitor para passarmos para o próximo capítulo, no qual tratarei das ferramentas metodológicas utilizadas na pesquisa e farei a análise do material que dá sustentação à dissertação: as letras de *rock and roll*!

Capítulo 3

O discurso da crise ambiental nas letras de música de *rock and roll*

É preciso aprender o exercício da dúvida permanente em relação a nossas crenças, às nomeações que vimos fazendo por vezes há longo tempo, de tal forma que já as transformamos em afirmações e objetos plenamente naturalizados (FISCHER, 2012, p. 103).

Neste capítulo, minha intenção é mostrar ao leitor a forma como a pesquisa se desenvolveu ao longo desse período para que chegássemos a algumas particularidades do estudo. Dito de outro modo, gostaria de enunciar os caminhos que nortearam e que foram pertinentes para o desenrolar desta dissertação de mestrado. Para isso, trago os meandros da pesquisa, explanando os necessários contornos metodológicos, e parto para o que se torna a sua razão de ser: as análises das letras de música das bandas de *rock and roll* selecionadas.

O estudo foi movido por muita dedicação e pretensão de tecer relações entre o campo de saber da Educação Ambiental e o da Música, com o propósito de apontar a importância dessa arte para pensarmos na trama discursiva que vem compondo o campo da Educação Ambiental. Nesse sentido, vejo a música como um espaço de saber importante para discorrermos sobre as inúmeras formas de se constituir o mundo e estabelecer relações com este, entendendo que a arte também produz e reproduz discursos e verdades, as quais nos interpelam e nos constituem enquanto sujeitos deste tempo. Acredito que a música é uma das diversas formas de produzir conhecimento, pois, como diz o historiador Geraldo Vinci (2010, s/p), “para entender a música e os diferentes gêneros musicais, é preciso entender a sociedade na qual ela está inserida, assim como para entender uma sociedade, é preciso, entre outros fatores, entender a “música” que nela se insere”.

Dito isso, neste momento procurarei demonstrar os conceitos trabalhados, bem como a sustentação teórica e metodológica na qual a dissertação se encontra apoiada. Sendo assim, organizo o capítulo em três subseções. Em um primeiro momento, apresentarei algumas ferramentas da análise do discurso, a partir de Michel Foucault – proposta metodológica assumida nesta pesquisa –, pontuando especificamente o conceito de discurso e enunciado. Mostrarei também como se deu a delimitação do material empírico. Posteriormente, a partir da análise dos materiais, coloco em evidência o enunciado “Antropocentrismo”, com letras que indicam e amparam o

enunciado em questão, problematizando-as a partir dos estudos teóricos realizados. Finalizando, na última sessão, dou destaque ao enunciado que chamarei de “O terror e medo pela perda do planeta”. Este também está embasado nas enunciações das letras que sustentam o proposto enunciado. Também me provocaram a pensar os autores que acompanharam este estudo, pois deram visibilidade para chegar à constituição do referido enunciado.

Pensando na crise ambiental vivenciada por nós na contemporaneidade, problema que atinge e preocupa a população mundial nos quatro cantos do planeta, é que a coloco em suspenso para problematizarmos como se constitui e se produz conhecimentos referentes às problemáticas ambientais. Saberes específicos referentes à crise ambiental circulam nos mais diferentes meios de comunicação, como a televisão, o cinema, a música, o rádio, na mídia de forma geral. Enunciações como as que aqui serão analisadas, ao serem postas em circulação, colocam em funcionamento uma operação de poder que subjetiva os sujeitos quanto a determinadas formas de cuidar, pensar, olhar para o meio em que vivemos e, assim, agir “ecologicamente correto”. Esse agir “ecologicamente correto” está relacionado ao um modo ideal de ser, estar e viver no mundo de uma forma “consciente”. Para Isabel Carvalho,

O ideal de ser e de viver em um mundo ecológico se vai constituindo como um parâmetro orientador das decisões e escolhas de vida que os ecologistas, os educadores ambientais e as pessoas que aderem a esses ideais vão assumindo e incorporando, buscando experimentar em suas vidas cotidianas essas atitudes e comportamentos ecologicamente orientados (2011, p. 65).

Diante disso, cabe questionar: De que forma a música nos interpela com enunciações referentes à crise ambiental? Como o *rock and roll* nos atravessa, nos constitui e nos faz olhar para a Educação Ambiental e para o discurso de crise ambiental? É com esses questionamentos que direcionei meu olhar para as letras de música, percebendo a recorrência de enunciações que davam visibilidade à perda do planeta e ao homem como o grande degradador do meio ambiente. Em frente a isso, passo a evidenciar ao leitor os caminhos metodológicos que auxiliaram, decisivamente, na visibilidade do discurso da crise ambiental em tempos contemporâneos.

3.1. Caminhos Metodológicos: direcionando o olhar

Para melhor expressar minhas intenções nesta pesquisa, busco olhar para a crise ambiental a partir do *rock and roll*, gênero este que é capaz de nos possibilitar entender como a arte, como a música, em um contexto mundial, atravessa-nos com enunciações e enunciados que compõem e sustentam o discurso de crise ambiental. Afinal, para que uma prática discursiva possa ser amparada, esta precisa estar entrelaçada e apoiada em uma rede mais complexa de saberes, para assim entrarem na ordem do discurso. Para que um discurso entre na ordem do dito e do visível, este precisa estar sustentado por “um conjunto de enunciados que se apóiem na mesma formação discursiva” (FOUCAULT, 2012, p. 135).

A partir das análises das letras, a pesquisa aponta para dois enunciados, os quais, nas próximas sessões, serão desenvolvidos. Intitulei-os da seguinte forma: “Terror e medo de perda do planeta” e “Antropocentrismo”. Tratam-se de enunciações pautadas pelo medo e terror diante de visões apocalípticas, bem como por letras que descrevem o homem como o principal destruidor do mundo em que vivemos, apoiando, assim, o discurso da crise ambiental. Enfim, para que se possa compreender tal discurso, aqui especificamente estudado a partir das letras de *rock and roll*, precisa-se investigar que conjunto de enunciações, de enunciados, bem como que outros discursos se apóiam e se entrelaçam no discurso da crise ambiental. Dito isso, ressalto as questões que movem a pesquisa: Que enunciações de natureza, meio ambiente, homem, devastação ambiental, desastres naturais, futuro do planeta estão presentes nas letras de *rock and roll*? Que verdades o *rock and roll* vem inventando e produzindo a respeito da crise ambiental? Que enunciações o *rock* coloca em evidência acerca da crise ambiental? Enfim, de que forma esse gênero musical contribui para pensarmos, olharmos e agirmos de forma “ecologicamente correta”?

Com base nesses aspectos, procuro mostrar o quanto o discurso da crise ambiental está presente em diferentes letras de bandas de *rock* e que esse artefato cultural se torna potente para pensarmos a atualidade, os problemas sociais, políticos, econômicos e culturais que vivenciamos neste século XXI. Conforme argumenta Maria Lúcia Wortmanm (2010, p. 13), “aprendemos a ver o mundo a partir da cultura e de que se estabelecem na cultura as formas de compreensão e de interpretação do mundo”.

Diante das balizas preliminares apresentadas, recorto a pesquisa na temática Música, sociedade e Educação Ambiental, principalmente a partir da década de 1990 do

século XX. O motivo: nesse período, o discurso da crise ambiental tornou-se mais evidente e nos fez olhar com maior atenção para o futuro da vida na Terra.

Para realizar este estudo, seleciono como metodologia da pesquisa algumas ferramentas da Análise do Discurso a partir de Michel Foucault. Neste momento, interessa-me operar com o conceito de discurso e enunciado para que se possa colocar em suspenso algumas verdades tidas como já sabidas sobre a crise ambiental. Gostaria de ressaltar que minha proposta não se vincula a analisar as bandas, ou seja, os autores e compositores de tais obras. Dessa forma, como nos diz Foucault (2012, p. 59), “fica-se, tenta-se ficar no nível do próprio discurso”. Sendo assim, não buscarei desvendar o que está oculto no discurso, nem mesmo o que está nas entrelinhas. Por essa razão, me interessa o dito, somente o dito; tomando o discurso em sua exterioridade, como ensina o filósofo francês. Na proposta de análise feita pelo autor, é preciso entender o discurso tal qual se pode ouvi-lo, tal qual podemos lê-lo. Para Sampaio (2012, p. 87), essa seria a “novidade de tomar o discurso em sua exterioridade, já que não se trata de ir até um núcleo secreto e interior do próprio discurso, mas de partir do próprio discurso”. Sendo assim, é no dito e no visível, aqui especificamente a partir das letras de *rock and roll*, que pretendo investigar que verdades estão sendo fabricadas sobre a crise ambiental, que verdades nos atravessam e nos remetem a assumirmos formas ideais de ser, de pensar e agir. Assim, quero ressaltar sobre “a verdade” desta época, diante de uma crise social e ambiental na contemporaneidade. Vale referir que, no referencial teórico escolhido, entendemos a verdade como uma fabricação, como um jogo de forças que coloca alguns ditos no verdadeiro e outros fora de uma ordem do discurso instaurada em determinados tempos sociais, políticos, culturais, ambientais.

Nesse contexto, entendo o discurso como esse conjunto de coisas ditas em um determinado tempo e lugar, que, ao ser colocado em funcionamento, produz saberes e verdades em nossas vidas. Ao discorrer sobre o discurso, Foucault diz que

Eu parto do discurso tal qual ele é! Em uma descrição fenomenológica, se busca deduzir do discurso alguma coisa que concerne ao sujeito falante; tenta-se encontrar, a partir do discurso, quais são as intencionalidades do sujeito falante – um pensamento em via de se fazer. O tipo de análise que pratico não trata do problema do sujeito falante, mas examina as diferentes maneiras pelas quais o discurso desempenha um papel no interior de um sistema estratégico em que o poder está implicado, e para o qual o poder funciona. (2006, p. 253).

Assim, o que pretendo fazer é mostrar o que está dito em algumas letras de *rock* na atualidade; é pontuar e compreender o quanto o momento histórico em que vivemos se torna a cada dia mais visível em diferentes artefatos culturais que nos fazem ver, olhar e pensar com potência no futuro da vida no planeta. Como argumenta Wortmann (2010, p. 14), precisamos dar destaque “às práticas ambientais contemporâneas a partir da atribuição de centralidade a cultura”.

Pensar em discurso, a partir de Michel Foucault, pensar especificamente no discurso da crise ambiental, engloba entender o que é discurso, como se constitui e, principalmente, como se sustenta e é aceito, creditado como verdadeiro, em um determinado tempo, em uma sociedade. Nas palavras do autor,

O conjunto de regras para uma prática discursiva, o sistema de formação não é estranho ao tempo. Não reúne tudo que pode aparecer, através de uma série secular de enunciados, em um ponto inicial que seria, ao mesmo tempo, começo, origem, fundamento, sistema de axiomas, e a partir do qual as peripécias da história real só se desenrolariam de maneira inteiramente necessária. O que ele delineia é o sistema de regras que teve de ser colocado em prática para que tal objeto se transformasse, tal enunciação nova aparecesse, tal conceito se elaborasse, metamorfoseado ou importado [...] o que ele delineia, também, é o sistema de regras que teve de ser empregado para que uma mudança em outros discursos [...] pudesse ser transcrita no interior de um discurso dado, constituindo assim um novo objeto, suscitando uma nova estratégia, dando lugar a novas enunciações ou novos conceitos (FOUCAULT, 2012, p. 88).

Sabemos que, para uma prática discursiva entrar em operação, esta obedece a certas regras que a tornam evidente, que a tornam visível. As regras de formação de um discurso devem estar associadas e sustentadas por enunciações, enunciados e outros discursos, bem como por outros conceitos. Nesse sentido, podemos dizer que o discurso da crise ambiental não opera sozinho, ou seja, precisa estar apoiado e sustentado por outros discursos, enunciações e enunciados. Na busca por essas questões, este estudo foi se constituindo.

A primeira etapa da pesquisa deu-se com uma busca on-line por periódicos, dissertações, teses e artigos científicos que abordassem a temática música e Educação Ambiental, atravessada por questões sociais, políticas, econômicas e culturais. Foram encontrados alguns trabalhos, porém com um viés diferente da proposta desta dissertação. Após essa fase, a procura foi pela temática *rock and roll* e Educação Ambiental. Deparei-me com artefatos, como *ecobags* com ídolos do *rock*, *blogs*, artistas ativistas de causas ambientais e letras de música que tratavam das questões ambientais.

Já com a definição do *corpus* discursivo, a empreitada foi partir para uma busca on-line, em *sites* de música e bandas de *rock*, por letras que contemplavam enunciações referentes à crise ambiental. Assim, a pesquisa foi tomando corpo. As palavras-chave utilizadas na tentativa de encontrar o material empírico foram: “*rock and roll* e a crise ambiental”, “*rock and roll* e EA”, “*rock and roll* e o aquecimento global”, “*rock and roll* e o derretimento de geleiras”, “*rock and roll* e o lixo”, “*rock and roll* e a natureza”, “*rock and roll* e o homem” e, por fim, “*rock and roll* e o consumo”.

Nessa busca, foi encontrado um número relevante de letras para dar início à pesquisa, atingindo um total de 40 letras de bandas de diferentes lugares. Ressalto a importância das bandas para o estudo, principalmente por se tratarem de bandas de diferentes lugares, evidenciando o quanto a questão da crise ambiental é um problema social não apenas do Brasil, mas do mundo de uma forma geral. Porém, gostaria de salientar que a proposta da pesquisa não se vincula à análise das bandas, mas sim das letras de música. Com o material empírico selecionado, optei por sete bandas, de diferentes localidades, para compor a pesquisa: banda Cólera (Brasil), Scorpions (Alemanha), Midnigh Oil (Austrália), Disturbed (Chicago, EUA), R.E.M (Geórgia, EUA), Genesis (Inglaterra) e Pearl Jam (Washington, EUA). As bandas selecionadas exibem, em suas letras, temas referentes à crise ambiental, as quais foram anteriormente mencionadas. Após essa etapa, passei a estudar cuidadosamente o material, a fim de separar enunciações que se relacionavam umas com as outras, para então edificar os enunciados. Dois enunciados emergiram após esse trabalho, como me referi anteriormente: o homem aparece como principal causador da crise ambiental, este intitulado de “Antropocentrismo”; E o “Terror e medo pela perda do planeta”.

Utilizando-me de algumas ferramentas foucaultianas para analisar o discurso da crise ambiental presentes em algumas letras de *rock and roll*, precisei construir, a partir da organização do material, as bases enunciativas que dariam suporte ao discurso em questão. Nesse sentido, meu objetivo foi agrupar as enunciações para que fosse possível dar visibilidade aos enunciados, ou seja, era preciso dar sustentação ao eixo central da análise do discurso. Visto desse modo, o enunciado é de extrema importância para a “condição de existência” de um discurso, pois, nas inúmeras definições sobre discurso, Foucault (2012, p. 135) nos diz: “Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados que se apóiem na mesma formação discursiva”. Ainda nas palavras do autor,

O enunciado não é, pois, uma estrutura [...]; é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita). Não há razão para espanto por não se ter podido encontrar para o enunciado critérios estruturais de unidade; é que ele não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço (FOUCAULT, 2012, p. 105).

Desse modo, o que venho fazendo é delimitar a emergência de tais enunciados no atual momento histórico, social e cultural que vivemos, os quais, diante disso, vão constituindo o nosso olhar sobre o mundo e, principalmente, a forma como olhamos para a crise ambiental. Podemos dizer que o enunciado está na ordem do dito, do visível – está na ordem do discurso. Este carrega significados que, em nossa sociedade, são aceitos como verdadeiros, exercendo funções que dão sentido ao discurso aqui colocado em suspenso. Destaco a importância de olharmos para a música, de olharmos para o gênero musical *rock and roll* como uma ferramenta potente nos dias atuais para pensarmos a crise ambiental. Ressalto a importância de voltarmos nosso olhar para tal estilo musical, que suscita discussões no campo da EA. Enfim, o que quero dizer é que *rock* vem produzindo enunciações que entram na ordem do discurso tido como verdadeiro em nossa sociedade, diante de uma crise ambiental; que o *rock* é capaz de auxiliar na modulação de nossa forma de olhar, de nos ensinar modos ecológicos de ser, estar e pensar na contemporaneidade.

Com a proposta de dar visibilidade ao discurso da crise ambiental presente no *rock and roll* e apontar a relevância da arte para o para o campo da EA, sustentado segundo uma perspectiva foucaultiana, é que situo as discussões e problematizações desta dissertação. Dessa forma, operar com algumas ferramentas da análise do discurso proporcionou-me uma outra forma de olhar para a pesquisa. Minha proposta não pretende desvelar o discurso, falso ou o verdadeiro; a intenção é simplesmente olhar para as práticas discursivas que vem compondo o campo de saber da EA e seus efeitos na sociedade. Enfim, essas foram as regras estabelecidas para a construção desta pesquisa. Nas belas palavras de Rosa Fischer, em seu livro “Trabalhar com Foucault” (2012, p. 15), ao discorrer sobre discurso e análise enunciativa, a autora nos diz que “trata-se sempre de práticas, trata-se sempre de práticas por dentro de relações de poder e saber; trata-se, também, de práticas produtoras de modos de ser sujeito”. Trago as palavras de Fischer para discorrer sobre a importância das práticas discursivas na

constituição de modos de ser, viver e estar no mundo. Sendo assim, podemos dizer que enunciados e enunciações constituem-se como práticas sociais mergulhadas em relações de poder e saber que nos fazem aprender, ver e falar sobre o mundo, sobre a crise ambiental aqui colocada em suspenso.

Dessa forma, entendo que operar com algumas ferramentas foucaultianas para a análise das letras me permitiu entender as verdades inventadas, fabricadas, produzidas sobre a crise ambiental, as quais nos fazem olhar para o mundo de uma forma e não de outra. Como argumenta Sampaio (2012, p. 93), “se é no discurso que se conectam poder e saber, é também por meio do discurso que se distingue o verdadeiro do não verdadeiro”. Assim, a partir de tais práticas discursivas no campo da Educação Ambiental, volto minha atenção para o discurso da crise ambiental que nos atravessa, interpela-nos e produz modos de vida, ao nos fazer compreender e discorrer sobre os problemas ambientais vividos na contemporaneidade.

Há que dançar, balançar, colocar em suspenso e problematizar as práticas e verdades que moldam nossas vidas. O *rock*, neste estudo, torna-se uma ferramenta potente para provocarmos o pensamento. Afinal, o *rock and roll* representa significativamente uma importância social, política, econômica e cultural da música, essa arte que tanto nos toca, emociona-nos, atravessa-nos e faz pensar e olhar para mundo de determinadas formas. Com esse propósito é que “inventei”, como me ensinou Foucault (2012), dois enunciados que foram visualizados nas enunciações das letras de *rock* colocadas sob análise. A partir das ferramentas da análise do discurso, é possível dizer que o discurso da crise ambiental está apoiado nesses dois enunciados. Passemos a eles então!

3.2 O homem como principal destruidor do planeta: Antropocentrismo em evidência.

Nos últimos tempos, principalmente a partir da década de 1990 do século passado, deparamo-nos com uma questão que se tornou pauta nos mais diferentes meios de comunicação: o futuro do planeta e da vida na Terra. Ao longo desta dissertação, trato a crise ambiental como um discurso potente na atualidade, que, a cada dia, com maior força, toma conta de nossas vidas. Muitos estudos vêm sendo realizados nas mais diferentes áreas do saber, com a finalidade de compreender o momento social, cultural e ambiental que nos deparamos neste início de século. Aqui, o discurso de crise

ambiental, estudado a partir da arte, pretende visualizar a forma como a música, por meio do *rock and roll*, atravessa-nos e faz pensar o atual momento de crise social e ambiental.

Com o material selecionado para responder as referidas indagações desta pesquisa, o estudo aponta para as artes como um campo potente na produção de conhecimento, ao tratar de um tema tão importante na contemporaneidade. De forma geral, os artefatos culturais tornaram-se fortes ferramentas para pensarmos nos problemas ambientais que atingem nossa sociedade. Diferentes enunciações circulam nos mais variados meios de comunicação, chamando a atenção da população para pensar e participar de uma campanha mundial em prol do planeta. A crise ambiental tornou-se pauta no nosso dia a dia. Ao ligar a televisão, presenciamos, por meio de propagandas, o que devemos fazer para cuidar da natureza. Nos jornais, lemos e assistimos sobre os desastres ambientais, como terremotos, enchentes, *tsunamis*, queimadas nas florestas – alerta para o aquecimento global! Na internet, circulam inúmeras campanhas mundiais, as quais nos convidam a fazer a nossa parte para salvar o planeta. Enfim, de uma forma ou de outra, por meio da mídia, questões referentes aos problemas ambientais invadem nossas casas e nos fazem pensar na crise ambiental e no futuro de nossa existência na Terra.

Como já anunciado neste capítulo, minha proposta, neste momento, é dar visibilidade a partir de algumas letras de *rock*, de diferentes localidades, enunciações recorrentes que tratam de problemáticas ambientais. O material posto em suspenso fez emergir dois enunciados potentes que sustentam o discurso de crise ambiental. Nesta seção, tratarei o que intitulei “Antropocentrismo”, no qual o homem aparece como o centro de todos os nossos problemas e também como o principal destruidor do planeta. Enunciações com chamadas fortes, apontam o homem como um ser “explorador, como um destruidor de vidas que só pensa em lucrar” (Verde, banda Cólera, Brasil).

A visão que aloca o homem como o centro do universo, de que tudo mais existe em função dele, está amparada no pensamento moderno. Tal concepção, denominada Humanismo, deu-se na transição do mundo medieval para o mundo moderno, na qual o homem passou a ser valorizado acima de todas as coisas. Como nos diz Mauro Grün (2007, p. 24), essas modificações já podem ser encontradas no período renascentista; “em nome do humanismo o homem começa a romper com a velha ordem”. Essa grande valorização do homem já começa a aparecer em diferentes áreas como a literatura, as artes, a política, a religião e a filosofia. Enfim, essa concepção, que considera a

humanidade como o centro do mundo, é definida como antropocentrismo. Podemos dizer que o campo das artes representou de forma intensa essa glorificação do homem por meio de suas obras, pois, conforme nos diz o autor,

O Homem quer ser senhor de seu destino, uma espécie de Deus, resumindo no microcosmo a unidade do macrocosmo. Leonardo da Vinci sintetiza bem essas ideias ao dizer que o caráter da pintura é divino, uma vez que “faz com que o espírito do pintor se transforme numa imagem do espírito de Deus”. O Homem começa a se divinizar. Existe uma ponta de arrogância neste Homem que se reflete na escolha do material usado pelos artistas. Neste período os artistas buscam materiais duráveis como a tinta a óleo. Eles querem eternizar-se através de suas obras (GRÜN, 2007, p. 26) [grifo do autor].

A partir dessa breve colocação sobre o antropocentrismo, sustento o enunciado proposto: o homem como o centro do mundo, o homem como o principal destruidor de nosso planeta. Ainda para o autor, a crise ambiental vivida neste século pode estar atrelada ao que este chamou de “crise da cultura ocidental”, ou seja, a forma de estarmos no mundo e as relações que tecemos com o nosso ambiente estaria fortemente apoiada nos “valores que sustentam nossa cultura” (Idem, p. 21).

A questão ambiental é fortemente tratada nas letras de *rock* selecionadas. Após serem estudadas e agrupadas, estas fazem entender e ver a Educação Ambiental de uma forma reducionista. A separação entre mundo natural e mundo humano aparece com potência no material colocado em suspenso, ou seja, não há uma interação entre esses ambientes – a vida humana está longe de ser percebida como parte integradora da natureza. Nessa correnteza, talvez Isabel Carvalho nos ajude a esclarecer melhor tal visão, na qual o homem desponta como um ser não pertencente a esse mundo natural, pois

A consequência de uma visão predominantemente naturalista-conservacionista é a redução do meio ambiente a apenas uma de suas dimensões, desprezando a riqueza da permanente interação entre a natureza e a cultura humana. O caráter histórico e sempre dinâmico das relações humanas e da cultura com o meio ambiente está fora desse horizonte de compreensão, o que impede, conseqüentemente, que se vislumbrem outras soluções para o problema ambiental (CARVALHO, 2008, p. 38).

Para autora, superar a marca de uma visão naturalista e preservacionista de natureza demanda, principalmente, que ultrapassemos a ideia de que o homem não faz parte da natureza. Restringir o mundo natural a apenas o que é “verde”, ou a rios, mares, florestas e montanhas, não seria a solução para a problemática ambiental. No entanto, se entendermos a importância de uma interação entre cultura e sociedade e apreendermos

que o meio ambiente é um espaço de relação entre homem e natureza, possivelmente, assim, poder-se-ia enriquecer a convivência entre ambos (O homem e a natureza). Tal perspectiva está alicerçada no que a autora chama de visão socioambiental. Para que pudéssemos ultrapassar esse dualismo, entre homem e natureza, precisaríamos olhar para o mundo e, principalmente, para a relação que estabelecemos com nosso ambiental natural sob uma nova perspectiva. Assim, Carvalho nos ensina:

Nossas ideias ou conceitos organizam o mundo, tornando-o inteligível e familiar. São como lentes que nos fazem ver isso e não aquilo e nos guiam em meio à enorme complexidade e imprevisibilidade da vida. Acontece que, quando usamos óculos por muito tempo, a lente acaba fazendo parte de nossa visão a ponto de esquecermos que ela continua lá, entre nós e o que vemos, entre os olhos e a paisagem (2008, p. 33).

Seguindo nesse mesmo contexto, como relata a autora, podemos dizer que não existe uma única forma de ver, pensar e discorrer sobre o mundo. Nossos conceitos não abrangem uma totalidade do que convencionamos chamar de “verdade”. Contudo, o que observo nas enunciações colocadas sob exame é a propagação de uma única visão – o homem como culpado, alertando que nossas atitudes podem levar ao fim da vida na Terra. São chamadas persuasivas, presentes em todas as letras das bandas selecionadas. Isso permite-nos dizer que essa linha de pensamento não se restringe ao Brasil. Tanto as letras de *rock* da banda brasileira, quanto a alemã, a inglesa, a australiana e as norte-americanas apontam o homem como a causa dos problemas ambientais.

Nesse contexto, diante de uma perspectiva foucaultiana, entendo que tal enunciado nos auxilia a olhar para o mundo de uma forma reducionista, ao fazer essa separação entre os mundos (natural e humano). Também nos faz pensar no homem como principal culpado por estarmos diante de uma crise ambiental.

Buscando evidenciar o enunciado, apresento abaixo algumas enunciações do *corpus* analítico:

Onde haviam riachos limpos hoje só vemos estrumes humanos. O chão que era coberto por folhas secas, hoje está encoberto pelo concreto. O homem já criou cérebros e bombas e esqueceu do verde. O homem não pensa muito na hora de explorar, por mais que destrua vidas, só pensa em lucrar. Sua vida, minha vida, nossas vidas dependem do verde. Dependem do verde já! (Verde – banda Cólera, Brasil).

[...] O erro do homem é gananciar, o que não se vende ele sempre quer comprar [...] Animais não fazem guerras, animais não destroem selvas, animais não constroem bombas, animais não poluem o ar. Animais não

pertencem a ninguém, animais não matam por prazer. Animais pode ser você (Presídio Zoo – banda Cólera, Brasil).

Tratores derrubando a Amazônia, cama de ozônio ferida sangrando. Matança, egoísmo em massa. É uma emergência!!! A Terra, um lugar pra morar. Tem muita mata, muita chuva e tem ar. Espera só para ver os leões, as aves, os peixes e os imensos vulcões. Bicho gente está doente, mata o mundo, mata a gente. Parem as guerras. Deixe a Terra em paz! Salve a Terra já! Já! Salve a Terra já! (Deixe a Terra em paz – banda Cólera, Brasil).

Os trechos apresentados dão visibilidade ao mostrar essa dicotomia entre homem e natureza, marca de uma visão naturalista dentro do campo da Educação Ambiental. Segundo Isabel Carvalho (2011, p. 37), a “EA surge em um terreno marcado por uma tradição naturalista”. Tal perspectiva se apóia na percepção de que há um mundo natural constituído em oposição ao mundo humano, social e cultural. Seguindo tal linha de pensamento – que é ainda mais reforçada por programas de televisão, como documentários, desenhos animados e outros artefatos culturais –, penso que, diante disso, vamos aprendendo a tecer relações com o meio em que vivemos e aceitando a ideia de que natureza se resume à flora e à fauna.

O primeiro excerto pontua a evolução do homem: quando este cria o concreto, inventa cérebros, cria bombas, mas esquece do verde. A letra evidencia que, diante da grande necessidade de exploração e desejo de consumo, o homem vai modificando a paisagem natural na eterna busca pelo lucro, pelo capital. Observo que enunciações como essas colocam em destaque que é pela mão do homem que o planeta está sendo devastado. No segundo trecho apresentado, o homem é posto como um ser ganancioso que quer dominar o mundo – o seu principal erro. Ao mesmo tempo, as enunciações fazem uma comparação entre homens e animais, ao enunciarem uma dissonante forma de estar no mundo. Ou seja, o homem polui o ar, os rios, devasta as florestas, faz guerras e mata por prazer. Enfim, destrói o mundo pelo seu bel-prazer. Gostaria de salientar que as duas primeiras letras intituladas “Verde” e “Presídio Zoo” pertencem ao álbum da banda chamado “Verde não Devaste”, gravado no ano de 1997. Já no terceiro excerto, identifico uma mesma linha de pensamento. São as máquinas que destroem o mundo: os “tratores derrubando a Amazônia”, queimando a floresta e intensificando, assim, o aquecimento global – a Terra pede socorro! São as invenções do homem que devastam o planeta. O egoísmo e as aspirações ambiciosas fizeram com que se instalasse uma crise ambiental. “É uma emergência!” “Salve a Terra já!”. Ressalto que a letra “Deixe a Terra em Paz” pertence ao sexto álbum gravado pela banda, no ano de 2004, o qual é intitulado “Deixe a Terra em Paz”.

Cabe registrar, mediante as enunciações acima apresentadas, que ambas as letras posicionam o homem como o grande causador dessa crise ambiental, ou seja, apresentam uma visão antropocêntrica. Além disso, as letras demarcam um pensamento naturalista e romântico, bem como preservacionista, sobre uma natureza intocada, uma natureza “verde” que deve ser protegida e que, acima de tudo, o homem aparece como um ser não pertence a esse espaço natural. Segundo Carvalho (2011), embora a visão naturalista/preservacionista esteja ainda fortemente instalada em nosso ideário ambiental, esta não seria a única maneira de pensá-la. Sendo assim, dentro de uma concepção “naturalizada” de natureza, tende-se a reduzir o mundo a um espaço estritamente natural, biológico, ou seja, sem interação com a cultura e o social.

Tais enunciações têm sido recorrentes em algumas letras de *rock and roll*, o que justifica e sustenta a “invenção” do enunciado em questão. Reforço que é a partir dos enunciados que vamos olhando para o mundo, para a crise ambiental, de uma forma e não de outra. Nas palavras de Veiga-Neto (2007, p.101), “são os enunciados dentro de cada discurso que marcam e sinalizam o que é tomado por verdade, num tempo e espaço determinado, isso é, que estabelecem um regime de verdade”. Diante disso, questiono: como contrapor esses ditos verdadeiros? De que forma somos convocados a pensar e olhar para a crise ambiental que se instala na atualidade? Nesse contexto, ao dar visibilidade a alguns ditos referentes à crise ambiental presentes no *rock and roll*, minha proposta pretende provocar o pensamento quanto à forma que muitas vezes somos interpelados por essas verdades. Gostaria que pudéssemos entender a EA como uma educação política, questionando tais ditos e, principalmente, entendendo que não existe uma única forma de ser e estar no mundo. No entanto, destaco mais uma vez sobre a importância da cultura, pois contribui para a constituição de uma trama de significações, na qual aprendemos a estabelecer relações com nosso ambiente natural. Corroborando essa afirmação, Guimarães nos diz que

[...] a cultura, através das práticas derivadas dos inúmeros artefatos (os filmes, os vídeos educativos, as revistas, as histórias em quadrinhos, os livros didáticos, os romances, as novelas televisivas, os documentários históricos, os relatos de viagem, entre inúmeros outros) produzidos em diferentes instâncias de produção cultural, é o *locus* central das disputas e negociações de significados dados a natureza e, também, às possíveis formas de estabelecermos relações com a mesma (2003, p. 241).

Portanto, penso que enunciações, como as que aqui estão sendo apresentadas, entram na ordem do dito, do visível, bem como na ordem do discurso verdadeiro.

Conforme salienta o autor acima, é necessário levar em consideração as práticas e relações que estabelecemos com o mundo, aqui se tratando especificamente da relação homem e natureza, a partir das disputas e negociações que são travadas na e pela cultura. Nesse movimento, vejo o *rock and roll* como um artefato cultural potente que também vem (re)produzindo significados na sociedade, ao tratar dessa dicotomia entre mundo natural e humano; ao responsabilizar e afirmar com tanta veemência a culpa do homem por tamanha degradação ambiental. Diariamente, somos interpelados a pensar nas problemáticas ambientais instaladas em nossas vidas e a internalizar um sentimento de culpa diante dos modos de vida consumista e da forma que interagimos com o mundo natural e social. Seguindo na correnteza de autores como Isabel Carvalho (2011) e Félix Guattari (2008), penso que essa não é a única maneira de ver o mundo e de estabelecer relações com este. O período de intensas transformações vividas pela humanidade, o modelo de vida que se instala na modernidade e as relações de afetividade que estabelecemos uns com os outros conduzem-nos à mais pobre incapacidade de responder à crise ambiental. Como nos diz Guattari (2008), para que haja uma verdadeira resposta à crise ambiental, é necessário colocarmos em suspenso as verdades que nos fazem olhar para o mundo, entendendo que não só as relações de força visíveis constituem a “verdade deste mundo”. Sendo assim,

As formações políticas e as instâncias executivas parecem totalmente incapazes de apreender essa problemática ambiental no conjunto de suas implicações. Apesar de estarem começando a tomar uma consciência parcial dos perigos mais evidentes que ameaçam o meio ambiente natural de nossas sociedades, elas geralmente se contentam em abordar o campo dos danos industriais e, ainda assim, unicamente uma perspectiva tecnocrática, ao passo que só uma articulação ético-política – a que chamo de *ecosofia* – entre os três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana) é que poderia esclarecer convenientemente tais questões (GUATTARI, 2008, p. 8) [grifo do autor].

Para o autor, a questão será a maneira de viver daqui em diante, em um mundo em constantes transformações. Assim, precisaremos reinventar novas formas de estabelecer relações enquanto seres sociais, ambientais e de subjetividade humana. Esta seria a articulação ético-política que o autor denominou de “ecosofia” – as balizas que teremos de atravessar para compor novas ações dentre os três registros ecológicos.

Nos excertos abaixo, apresento enunciações que nos mostram como outras letras¹⁶ de *rock*, de diferentes lugares, fazem-nos pensar a crise ambiental:

¹⁶ Todas as letras foram traduzidas por Carolina Ferreira Gomes, tradutora da língua inglesa.

Humanidade [...] Você vendeu sua alma para alimentar sua vaidade, suas fantasias e suas mentiras [...] Existe um preço a pagar por todos os jogos egocêntricos que você criou [...] Você assinou e selou isso. E agora tem que lidar com isso. O mundo que você criou acabou [...] Humanidade. (Humanidade – banda Scorpions, Alemanha).

[...] A indulgência em nossas vidas lançou uma sombra em nosso mundo, nossa devoção a nosso apetite traiu a todos nós [...] Não pode existir outra razão, você sabe que deveríamos ter previsto [...] Geleiras derretem conforme nós poluímos o céu [...] Podemos nos arrepender a tempo? [...] Mesmo assim nós devastamos o mundo que amamos [...] Nosso apetite maníaco infinito nos deixou com outro modo de morrer [...] Avareza e fome nos levaram a nossa morte, um caminho que eu não consigo acreditar que seguimos [...] É apenas outro modo de morrer [...] (Outro modo de morrer – banda Disturbed, Chicago, EUA).

A metade sul está queimando conforme nós subimos através do céu. Aves marinhas suavemente caindo, fumaça subindo alto. Existem os contornos das montanhas, dos desertos e das planícies e um furacão está soprando. Agora existem manchas de óleo nas águas que Colombo um dia navegou [...] Sedimento está correndo do rio para o mar. Agora onde estão as poderosas nações? Um manchado sobre a Terra partida, o suspiro das árvores. E sua oscilação no éter, isso me põe de joelhos. (Terra e sol e lua – banda Midnight Oil, Austrália).

Existem homens demais, pessoas demais, fazendo problemas demais [...] Esse é o mundo em que vivemos e essas são as mãos que nos são dadas. Use-as e vamos começar a tentar fazer esse lugar digno de morar. Oh, super-homem, onde está você agora? Quando tudo deu errado de alguma forma? Os homens de ferro, aqueles homens de poder estão perdendo o controle a cada hora. (Terra da confusão – banda Genesis, Inglaterra).

Mediante tais enunciações, somos interpelados a refletir, ver e discorrer sobre a crise ambiental. Aquecimento global, geleiras derretendo, águas poluídas, furacões, vulcões, os modos consumistas, o nosso apego sórdido ao dinheiro. Enfim, essa é a “Humanidade”, a “Terra e sol e lua”, a “Terra da confusão”, ou seria apenas “Outro modo de morrer” provocado pela mão do homem? São chamamentos potentes como esses que nos posicionam como os principais culpados e responsáveis pela degradação de nosso planeta. Artefatos culturais, como o *rock and roll*, dão visibilidade a uma linha de pensamento antropocêntrica. Ao mesmo tempo, ensinam o que é natureza, meio ambiente, bem como explicam a forma com que o homem se relaciona com o mundo natural. Ao colocar em suspenso tais ditos, este estudo não pretende eximir responsabilidades diante dos nossos modos de ser, viver e estar no mundo. Ou seja, ao evidenciar tal enunciado, não significa dizer que não saibamos das consequências ambientais a partir das ações humanas, mas ressaltar que estas não seriam as únicas responsáveis por toda degradação ambiental experienciada por nós habitantes do século

XXI. As análises aqui apresentadas anseiam, sim, problematizar o entendimento do que é natureza, meio ambiente e como se produz tal concepção. Percebo que tais enunciações são emblemáticas para pensarmos o quanto o *rock and roll* é capaz de nos interpelar e nos fazer pensar a crise ambiental. Contudo, a forma como compreendemos a natureza, o meio ambiente e essa dicotomização entre mundo natural e mundo humano perpassa as questões históricas, políticas, sociais, econômicas e culturais produzidas na e pela cultura. O endereçamento que damos a tais ditos se dá nas amarras do momento histórico e cultural que vivemos.

Os modos como enxergamos e nos relacionamos com a natureza são frutos do momento histórico em que vivemos. Podemos compreender, portanto, que em diferentes tempos e espaços são configuradas inúmeras formas de vermos e lermos a natureza, e de estabelecermos relações com ela. Muitas vezes, não percebemos que os nossos atos, as maneiras de narrar acontecimentos, os modos de vermos a nós mesmos e aos outros e, ainda, nossas escolhas cotidianas, tudo isso, são negociações que vamos estabelecendo diariamente com os significados que nos interpelam através da cultura (GUIMARÃES, 2008, p.87).

Entendo que a constituição de um discurso naturalista é uma das condições de possibilidade para emergência do enunciado aqui colocado sob análise, o antropocentrismo. Somos constituídos por um discurso naturalista e romântico de natureza que se instalou em nossa sociedade, principalmente a partir do século XVIII, com o movimento da virada cultural e reforçado pelo movimento romântico do século XIX. Mas não foi sempre assim! Segundo Guimarães, “há uma multiplicidade de formas de ver, narrar e se relacionar com a natureza” (2008, p. 88). Segundo o autor, essas diferentes visões são dadas a partir da história e da cultura na qual estamos inseridos. Se adentrarmos a história do mundo ocidental, veremos as diferentes formas pela qual a natureza vêm sendo contada e significada na cultura, desde as grandes navegações dos séculos XV e XVI: ora uma natureza paradisíaca, exuberante, ora uma natureza selvagem, temida. Foi com o projeto civilizatório, em contraposição ao protótipo medieval, que a natureza passou a ser vista como o período das trevas, do inculto. Os ambientes considerados como “naturais”, ou seja, matas, florestas e montanhas, não condiziam com a ideia de progresso que inaugurava a virada cultural da modernidade. Porém, no século XVIII, com o fenômeno denominado de *novas sensibilidades*, é que a natureza passou a ser vista como boa e bela, quando as paisagens naturais passaram a ser valorizadas e apreciadas pelo homem.

Esse culto à natureza foi ainda mais realçado com o aparecimento do movimento romântico no século XVIII e XIX, que buscava ilustrar o lirismo e o sonho de um cenário devastado pela Revolução Industrial. Diante disso, podemos evidenciar o quanto o ideal que temos de meio ambiente e natureza é construído culturalmente. Na mesma correnteza, Carvalho (2008) ressalta que a forma de existir e conviver no mundo contemporâneo, bem como a relação que tecemos com a natureza e o meio ambiente, perpassa pelo entendimento de uma história de longa duração das relações com a natureza. No século XVIII, por exemplo, em um outro momento histórico, político, social e cultural, a sociedade da época presenciou a chegada da indústria, ou melhor, da primeira Revolução Industrial, uma grande mudança em seu ambiente natural trazida pelo desenvolvimento. Como lembra Carvalho,

No final do século XVIII, a Grã-Bratânia liderava a produção de carvão, alcançando cerca de 10 milhões de toneladas, o equivalente a 90% da produção mundial. O uso crescente do carvão – principal combustível da Revolução Industrial – para fins comerciais e domésticos gerava enorme quantidade de resíduos. O *smog* inglês (mistura de nevoeiro e fumaça) tornou-se a marca registrada das grandes transformações sociais e ambientais desencadeadas pelo modo de produção industrial (2008, p. 98) [grifo da autora].

A experiência vivida naquele período contribuiu significativamente, à época, para uma mudança na forma de olhar para natureza e o meio ambiente. A natureza era vista como o “domínio do selvagem”, como “esteticamente desagradável”. De acordo com essa concepção, o homem deveria dominá-la. A natureza, então, passou a ser percebida como uma paisagem natural que necessitaria ser intocada. Podemos dizer que o momento social, político, cultural e ambiental vivido no século XVIII, na Inglaterra, pode ter sido uma das condições de possibilidade para a emergência de uma visão naturalista e romântica de natureza, a qual, para Carvalho (2008, p. 97), “permanece presente até nossos dias”.

Diante das letras de *rock* investigadas nesta dissertação, observo o quanto está ainda fortemente instaurado em nossa sociedade um ideal de natureza, o qual concebe que esta deve ser preservada e intocada. Talvez uma das possíveis respostas para entendermos tal concepção esteja atrelada à forma como vimos sendo ensinados, mediante a circulação de tais ditos na e pela cultura, a nos relacionarmos com o nosso ambiente natural. A condição de um modelo “ideal” de ser, de estar e de preservar a natureza circula nos mais diferentes artefatos culturais. Entendo que o *rock* vem nos

atravessando com fortes enunciações e enunciados para falarmos da crise ambiental, ao nos fazer pensar o quão potente “a sombra em nosso mundo” pode nos levar a “outro modo de morrer”. As letras apresentam o homem como um ser desagregador, devido à forma como este interage com uma natureza que deveria ser intocada, preservada, para que, assim, pudéssemos ter no futuro um lugar no mundo onde a natureza seja “verde”. As enunciações que apresento abaixo reforçam tal visão:

Deve existir um lugar sobrando no mundo onde as montanhas encontram com o mar. Deve existir um lugar no mundo onde a água é real e limpa [...] Deve existir um lugar sobrando no mundo onde a pele diz que pode respirar. Tem que ter um lugar sobrando no mundo [...] Tem que existir um lugar sobrando no mundo [...] Deve haver um lugar sobrando nesse mundo onde nós podemos ser (Antártica – banda Midnight Oil, Austrália).

[...] A natureza humana é a razão para a nossa decadência e nós merecemos isso por brincar de Deus com nossas máquinas [...] (Hora 1 – banda Scorpions, Alemanha).

Na correnteza dos excertos em destaque, cabe questionar: será que existe um lugar no mundo não tocado pelo homem? Seria a natureza humana a razão para nossa decadência? Seria essa a melhor forma de pensarmos no futuro do planeta? Constantemente, vejo ser afirmada, em tais enunciações, a mão do homem, bem como a sua evolução, como a maior consequência de estarmos diante de uma crise social e ambiental. Como me referi, ambas as bandas apontam para o homem como a causa de todos os problemas ambientais. Letras, como as que aqui estão sendo colocadas sob análise, vêm sendo compostas pelo menos desde a década de 1990 até os dias atuais e circulando no mundo por meio de diferentes espaços e meios de comunicação. Podemos ser atravessados por tais músicas em *shows*, onde, geralmente, abriga-se um número elevado de público, principalmente ao se tratar de bandas de grande renome internacional, ou na Internet, com clipes que remetem à crise ambiental, ou mesmo ouvindo rádio, comprando CDs e DVDs que estão à venda no comércio em geral.

Mediante isso, podemos dizer que somos capturados por tais ditos, por essa campanha mundial de salvação do planeta, aqui tratada a partir do *rock and roll*. Ao mesmo tempo em que o homem é o agente causador de tanta devastação, é convidado a fazer a sua parte na busca pela solução dos problemas ambientais. Será que podemos separar a natureza do mundo social, político, econômico e cultural? O que nos move a tomar atitude “ecologicamente correta”? Afinal, de que forma o *rock and roll* nos faz pensar na crise ambiental?

Entender a forma como a música, por meio do *rock and roll*, vem contribuindo para pensarmos a crise ambiental é a questão central desta pesquisa. Nesta seção, meu objetivo foi mostrar o quanto as letras de *rock* apontam o homem como principal destruidor do planeta, permitindo-me, assim, construir o enunciado intitulado “antropocentrismo”. Pautadas por uma visão reducionista de Educação Ambiental, as enunciações colocadas em suspenso apresentam-nos uma das formas de olhar para a crise ambiental: o homem como o destruidor da natureza.

Na próxima seção, apresentarei o enunciado intitulado “O terror e o medo pela perda do planeta”¹⁷. Com enunciações apocalípticas e a necessidade de mudarmos nossas atitudes, a fim de salvarmos o planeta e vivermos de forma digna, estas deram-me subsídios para que fosse possível ver e dizer sobre a crise ambiental – esta pautada pelo medo do fim do mundo.

3.3 O terror e o medo pela perda do planeta nas letras de *rock and roll*

Nesta seção, tenho por pretensão dar visibilidade, a partir das letras estudadas, à forma como o *rock and roll* nos faz pensar a crise ambiental, interpelando-nos por meio do medo pela perda do planeta. Com o material colocado em análise, destaco que tais enunciações presentes no gênero musical escolhido para pesquisa também tratam a questão ambiental de forma apocalíptica, de acordo com a qual o homem um dia poderá não ter mais esse mundo para viver. Diante da recorrência de tais enunciações – pautada pelas discussões do Grupo de Pesquisa Michel Foucault –, pude dar visibilidade ao enunciado intitulado “O terror e medo pela perda do planeta”.

Com chamamentos potentes, anunciando o fim do mundo provocado pelo próprio homem, muitas letras de *rock* colocam em circulação dizeres que nos atravessam e nos fazem pensar o quanto a crise ambiental é a resposta para tudo que fizemos à natureza. Os ditos colocados em suspenso, a partir das letras de *rock*, nas quais a ênfase se dá de forma apocalíptica, não se restringem apenas a esse artefato cultural. Vimos circular, nos mais diferentes veículos de comunicação, uma campanha mundial para salvarmos o planeta, mediante uma política pautada no terror e no medo de uma catástrofe ambiental. Os nossos modos de vida consumistas, as toneladas de lixo

¹⁷ Tal enunciado apareceu fortemente nas letras de músicas analisadas. Vale referir que tal enunciado vem sendo discutido e problematizado com o Grupo de Pesquisa Michel Foucault, do qual faço parte, coordenado por minha orientadora, Profa. Dra. Paula Henning, em nossa Universidade.

produzidas diariamente, a população que cresce a cada minuto, a floresta que é devastada, entre tantas outras coisas, ameaçam a vida humana na Terra. Enfim, o alerta é de que precisamos mudar urgentemente os nossos modos de ser e estar no mundo para não perdermos o nosso planeta.

Já na década de 1970, quando começaram a ser realizados os grandes encontros pelo mundo em prol do meio ambiente, os assuntos que se tornaram pauta nos eventos que marcaram a nossa história, bem como a da Educação Ambiental, foram o consumo e a utilização dos recursos naturais não renováveis. Estes seriam os principais responsáveis pela degradação de nosso ambiente. A busca que se deu na época e que permanece até os dias atuais seria por uma “autoconsciência” da humanidade para evitar o fim dos recursos naturais, mudar os modos de vida e melhorar a qualidade de vida da população e das futuras gerações. Com tais discussões, a Educação Ambiental começa a ganhar espaço. Nas décadas seguintes, a crise ambiental passa a ser pauta em nossas vidas.

Na atualidade, o que vejo se proliferar por meio dos artefatos culturais e da mídia, é uma busca incansável por um sujeito ambiental, ou seja, um tipo ideal de sujeito que esteja preocupado em modificar seus modos de ser e de tecer suas relações com o meio em que vive. Diante disso, ressalto o quanto o discurso ecológico está atrelado a um consumo desenfreado, ou seja, há uma propagação de produtos, modos de ser e viver que esteja em consonância com um mundo mais sustentável: os papéis reciclados, as sacolas retornáveis, os móveis *ecowood*, enfim, uma infinidade de produtos à venda com preços, muitas vezes, nada acessíveis. Na busca de um sujeito preocupado com a sustentabilidade da vida neste planeta e com a qualidade de vida das futuras gerações, deparamo-nos em enunciações que nos capturam, persuadem e nos convocam a participar dessa campanha massiva em prol do planeta.

Dessa forma, evidencio que muitos artefatos culturais auxiliam na fabricação de jeitos de ser “ecologicamente correto”. A campanha que convoca a todos a pensar em suas ações em benefício do planeta está em todos os lugares e, atrelado à ela, está um forte chamamento que nos alerta para os riscos que corremos. Pautados por uma visão apocalíptica, tais ditos, ao serem postos em circulação, fazem-nos pensar o quanto necessário é mudar nossas atitudes, pois o futuro do planeta depende de nós. Com ditos como esses, que entram na ordem do discurso verdadeiro, vamos entendendo que temos o compromisso de dirigir ao máximo nossos esforços para tentar minimizar o quadro calamitoso que se instala.

Em um período de crise ambiental, bem como de mundialização da cultura consumista, o consumo “verde”, cada vez mais, invade o mercado por conta da importância de se constituir modos ecológicos de ser. Em decorrência da crise ambiental vivida na atualidade e a continuidade de um capitalismo globalizado, novas medidas terão de ser adotadas. Dentre as quais, um consumo ecológico e sustentável. Para Lipovetsky,

Naturalmente, os problemas ambientais levarão a promover modos de consumo mais sóbrios, menos devoradores de energia, menos destruidores da ecossfera, porém a mercantilização total da experiência vai acentuar-se, planetarizando-se. A integração das coerções de desenvolvimento permanente não será o tórumo do hiperconsumismo, mas o instrumento de sua perpetuação no planeta (2011, p. 62).

Em presença de um enunciado potente como o que apresento nessa seção, diante de tanta devastação ambiental provocada pelos dos modos de ser e viver na contemporaneidade, somos convocados a mudar nossas atitudes em benefício do planeta. Uma das formas de modificá-las e de homem se tornar um sujeito ambiental mais preocupado com o planeta, é por meio da compra de produtos ditos sustentáveis. Sendo assim, cabe questionar: seria mediante uma política pautada pelo medo, tão potente nas letras de *rock*, a forma de aderirmos a atitudes ecologicamente corretas? As enunciações abaixo mostram como o *rock* chama a nossa atenção para pensarmos a crise ambiental:

[...] Nossa devoção a nosso apetite traiu a todos nós [...] Um perigo apocalíptico, mais destruição será revelada, a mãe Terra mostrará seu lado mais negro e cobrará seu preço. É apenas outro modo de morrer [...] Consequências que não podemos evitar com o tempo [...] Um sinal de devastação vindo. Nós não precisamos de outra maneira de morrer. Podemos nos arrepender a tempo? O relógio da bomba está rolando e ninguém está ouvindo. Nosso futuro está desaparecendo. Há alguma esperança de que nós sobrevivamos? Mesmo assim nós devastamos o mundo que amamos e os milhões clamam para serem salvos [...] É apenas outro modo de morrer [...] Espécies caem diante de nossos próprios olhos, um mundo sem o qual não podemos viver [...] Mesmo assim nós devastamos o mundo que amamos e os milhões clamam para serem salvos [...] É apenas outro modo de morrer (Outro modo de morrer – banda Disturbed, Chicago, EUA).

Então aqui estamos. É a hora um, e é um pesadelo. Não sobrou nada e ainda assim é bom estar vivo. Chorar não servirá para nada, pois o universo não é justo. O cruel e o inocente estão lutando para sobreviver. A natureza humana é a razão para a nossa decadência (Hora 1 – banda Scorpions, Alemanha).

Lá onde o rio quebrou a madeira vermelha e o carvalho do deserto destroços contidos e diesel ferventes. Fumaça em quarenta e cinco graus. Chegou a hora [...] Como podemos dançar quando a nossa Terra está girando? Como nós dormimos enquanto as nossas camas estão queimando? [...] O deserto do

oeste vive e respira em quarenta e cinco graus. Chegou a hora de dizer que o que é justo é justo [...] De pagar a nossa parte [...] Como podemos dançar quando a nossa Terra está girando? Como dormimos enquanto as nossas camas estão queimando? (Camas estão queimando – banda *Midnight Oil*, Austrália).

Ondas da maré não imploram por perdão, quebram, então seguem seus caminhos [...] Um floco de neve pode cair em maio e as portas estão abertas agora. Conforme as campainhas estão tocando, pois o homem do momento está fazendo sua última reverência. Adeus por agora. A natureza como sua própria religião. Evangelho vindo da terra. O pai dominou por um longo tempo [...] Homens jovens, eles fingem, homens velhos compreendem e o céu quebra ao amanhecer espalhando luz sobre essa cidade. Eles todos se arrependem pois o homem do momento está fazendo sua última reverência. Adeus por agora [...] (Homem do momento – banda *Pearl Jam*, EUA).

A crise ambiental está instalada, no entanto, a forma como nos deparamos com o discurso de crise ambiental é o que venho investigando. As letras, acima apresentadas, compostas por grupos de diferentes lugares do mundo, apontam para o homem e sua ambição como o motivo de tanta degradação. O material colocado, em suspenso, traz um olhar apocalíptico nos quatro excertos, de que estamos na vida real vivendo um “pesadelo” (Hora 1, banda *Scorpions*, Alemanha). O “homem do momento” (Homem do momento, banda *Pearl Jam*, EUA) está fazendo a sua última reverência. Como, diante de tanta degradação, continuamos devastando o nosso planeta? “Como podemos dançar enquanto a nossa terra está girando? Como podemos dormir enquanto nossas camas estão queimando?” (Camas estão queimando, banda *Midnight Oil*, Austrália). Enfim, a mensagem é: precisamos urgentemente modificar os nossos modos de ser e viver no mundo. Seria mediante um chamamento de terror e medo pelo fim da vida na Terra? É dessa forma que estamos sendo interpelados por algumas letras de *rock and roll*. Diante da recorrência de enunciações como essas, foi possível problematizar um enunciado potente, que nos captura e nos faz olhar para crise ambiental de forma apocalíptica.

O que observo, com base na pesquisa que venho realizando, considerando os materiais sob análise, é que se instalou em nosso momento histórico, social, político, cultural e ambiental um grande medo pelo fim do mundo em decorrência das problemáticas ambientais. Será que estamos chegando ao fim dos tempos? A revolta da natureza seria “uma maldição nascida sobre os homens”? “Nosso futuro estaria desaparecendo”? “Há alguma esperança de que sobrevivamos”? (Outro modo de morrer, banda *Disturbed*, EUA). Muitas letras de *rock*, ao exporem uma visão apocalíptica, capturam-nos e nos fazem sentir uma sensação de medo, insegurança e

incerteza quanto à possibilidade do fim da vida na Terra. Para o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2008), na vida moderna, o medo nos acompanha como um sentimento que é familiar e comum a todos nós. No entanto, o mais assustador é o medo que não sabemos de onde vem, nem mesmo o que faremos para estancá-lo, barrá-lo – como o autor nos diz, é o medo do desconhecido! Sendo assim,

O medo é mais assustador quando difuso, disperso, indistinto, desvinculado, desancorado, flutuante, sem endereço nem motivo claros; quando os assombra sem que haja uma explicação visível, quando a ameaça que devemos temer pode ser vislumbrada em toda parte, mas em algum lugar se pode vê-la. “Medo” é o nome que damos a nossa *incerteza* [...] (BAUMAN, 2008, p.8).

Tratando dos perigos motivados pelas problemáticas ambientais, tal sensação pode vir de qualquer lugar, de situações inusitadas que cada vez mais nos atravessam mediante situações reais, ou mesmo diante de um discurso de crise ambiental, anunciando o risco que corremos. A sensação de que podemos ser vítimas de uma catástrofe ambiental está fortemente retratada nas letras de *rock*, ou seja, está entre os medos que fazem parte de nossas vidas, dos quais dificilmente poderemos escapar, desviar ou mesmo lidar com eles. Assim, vamos buscando preservar a vida no planeta. Nunca sabemos quando a chuva inundará a nossa cidade, quando será o próximo terremoto, *tsunami* ou quando seremos atingidos por um longo período de seca, de falta de água. Situações emblemáticas como essas, são capazes de gerar na sociedade o que o autor chamou de “o sentimento de impotência”, ou seja, uma espécie de sentimento que reside em ameaças que não podemos perceber ou mesmo imaginar (BAUMAN, 2008, p. 32). É a instabilidade em que vivemos! Estamos suscetíveis a catástrofes, que chamam a atenção da população para os perigos naturais que nos acompanham e que, em frente às quais, nada poderemos fazer. Para o autor,

No ambiente líquido moderno, [...] a luta contra os medos se tornou tarefa para a vida inteira, enquanto os perigos que os deflagram – ainda que nenhum deles seja percebido como *inadministrável* – passaram a ser considerados companhias permanentes e *indissociáveis* da vida humana. Nossa vida está longe de ser livre do medo, e o ambiente líquido-moderno em que tende a ser conduzida está longe de ser livre de perigos e ameaças. A *vida inteira* é agora uma longa luta, e provavelmente impossível de vencer, contra o impacto potencialmente incapacitante dos medos e contra os perigos, genuínos ou supostos, que nos tornam temerosos (BAUMAN, 2008, p. 15) [grifos do autor].

Seria o temor de uma catástrofe ambiental um dos medos que se tornaram “companhias permanentes e inadministráveis da vida humana”? Como lidar com tal ameaça que, a qualquer momento, podemos nos deparar? O que vejo nos extratos colocados em análise e que circulam em diferentes meios de comunicação é uma forma de alertar, convocar a população a pensar no futuro do planeta. Se não mudarmos nossas atitudes, “mais destruição poderá ser revelada” (Outro modo de morrer, banda *Disturbed*, Chicago, EUA). Enunciações como essas são emblemáticas para pensarmos o quanto o enunciado de terror e medo pela perda do planeta nos faz ver, pensar e discorrer sobre a crise ambiental. Tal sensação entra em nossas vidas de forma avassaladora sem pedir licença, pois, afinal, é o futuro da vida que está em nossas mãos. É preciso que cada um faça a sua parte para garantir um mundo melhor para todos.

O discurso de crise ambiental está em todos os lugares; nas histórias em quadrinhos, no cinema de animação infantil, nas letras de *rock and roll*, na mídia impressa, nos telejornais, na Internet, ou seja, de alguma forma grande parte da população é atravessada e convidada a “salvar o planeta”. No entanto, é preciso questionar, problematizar a forma como muitas vezes essas enunciações chegam até nós. Ditos marcados por uma visão apocalíptica e por uma dicotomia entre homem e natureza dão visibilidade aos enunciados desta dissertação. Vale lembrar que, ao analisar o discurso de crise ambiental presente no *rock and roll*, minha proposta não se vincula a defender ou criticar posição a respeito de tais ditos, mas, sim problematizar, questionar, provocar o pensamento sobre os efeitos que chamadas como essas repercutem em nossas vidas.

Pensar no gênero musical *rock and roll* como um artefato cultural potente para problematizarmos o discurso de crise ambiental, torna-se importante para apreendermos a relevância da cultura na produção de significados e práticas que nos permitem interpretar o mundo, bem como tecer relações com ele. Destaco o quanto somos atravessados e constituídos por ditos como os que tenho investigado nesta pesquisa, que nos colocam a conviver diariamente com as problemáticas ambientais. Nesse sentido, ao discorrer sobre a importância da cultura na constituição de significados, Kindel diz que

Damos significados às coisas através da forma como as representamos, e esses significados estão sendo constantemente produzidos em diversos lugares e práticas sociais. [...] é notável a produção de significados em tão grande escala e velocidade nos dias de hoje, visto que os modernos meios de massa têm capacidade de produzir e difundir significados globalmente, alterando de forma crucial os relacionamentos já estabelecidos entre espaço-

tempo. A representação cultural é uma das formas mais eficazes de instituição de significados [...] (2003, p. 225).

As enunciações abaixo mostram como outras letras de *rock* nos interpelam e nos convidam a salvar o planeta mediante uma política pautada pelo terror do fim do mundo.

Humanidade é hora de dizer adeus, a festa acabou. O mundo que você criou acabou. (Humanidade). Em seus olhos, eu enxergo o fim dos tempos. “au revoir”. Adeus para sua insanidade. “Adios amigo” Chegou a hora. (Humanidade – banda Scorpions, Alemanha).

Enganados por este mundo que se destrói pouco a pouco. São levados a esmolar pra que possa sobreviver e alimentar a ilusão que o homem vai sobreviver. Mais todos vão ter que encarar que o mundo sujo não vai mudar e tudo, tudo vai acabar (Condenados – banda Cólera, Brasil).

“Auf wiedersehen”, “Au revoir”, “Adios” (Humanidade, banda *Scorpions*, Alemanha) – Enfim, é hora de dizer Adeus. Chamamentos apocalípticos como esses, os quais coloco em evidência, aparecem com recorrência nas letras que fazem parte desta pesquisa. Mas não é só isso! As enunciações estudadas apontam para o homem a responsabilidade dos rumos que nosso futuro poderá tomar se alguma providência não for tomada a tempo. “O relógio da bomba está rolando”, ou seja, está prestes a explodir e o “nosso futuro está desaparecendo” (Outro modo de morrer, banda *Disturbed*, EUA). As letras indicam o fim da vida na Terra e fazem-nos pensar na importância de mudar nossos modos de ser, de viver e de estar no mundo, pois, caso contrário, estaremos “condenados” (banda Cólera) a sofrer as consequências. Essa é a nossa dívida: – A mãe terra mostrará seu lado mais negro e cobrará seu preço (Outro modo de morrer, banda *Disturbed*, EUA).

Entendo que, mediante tais enunciações, vamos nos constituindo enquanto sujeitos e, assim, internalizando um discurso de que precisamos adquirir estratégias que garantam o bem-estar da natureza e da vida humana no planeta. A importância de destacar tais ditos se dá por me permitir mostrar o quanto *rock and roll* nos captura, fazendo-nos pensar na crise ambiental a partir de enunciações pautadas por visões apocalípticas. Diante disso, entendo que tais enunciações entram na ordem do discurso verdadeiro. A crise ambiental presente nas letras de *rock and roll*, assim como na mídia, constitui-se como um discurso legítimo e verdadeiro que atinge a cada um de nós, a população de um modo geral. Ao nos anunciarem a necessidade de mudarmos nossas

atitudes com o ambiente natural, para, no futuro, não experimentarmos outras formas de vida ou o fim da vida, o *rock* vai auxiliando na constituição de modos de ser sujeito na contemporaneidade. Em outras palavras, vejo proliferar-se nos veículos de comunicação uma busca desenfreada para salvarmos o planeta, por meio do medo, o qual nos captura e nos faz pensar nas ações diárias que tecemos com a natureza, e o quão necessário é preciso mudá-las. São os modos de vida da população que entram na ordem do dito, do visível.

Pensando nesta correnteza, poderíamos articular tal estratégia de proteção e de preocupação com o corpo social com o que Foucault (2010) cunhou de “biopoder”, ou seja, uma tecnologia de poder que visa garantir o futuro, bem como a qualidade de vida da população. Nas palavras do autor,

Ora, agora que o poder é cada vez menos o direito de fazer morrer e cada vez mais direito de intervir para fazer viver, e na maneira de viver, e no “como” da vida, a partir do momento em que, portanto, o poder intervém sobretudo nesse nível para aumentar a vida, para controlar seus acidentes, suas eventualidades, suas deficiências, daí por diante a morte, como termo da vida, é evidentemente o termo, o limite, a extremidade do poder. Ela está do lado de fora, em relação ao poder: é o que cai fora de seu domínio, e sobre o que o poder só terá domínio de modo geral, global e estatístico. Isso sobre o que o poder tem o domínio não é a morte, é a mortalidade (FOUCAULT, 2010, p. 208).

Nem sempre foi a vida que esteve em primeiro plano. Para o filósofo, a preocupação com a vida surge a partir do século XVII, por meio de duas estratégias de poder que se articulam, cruzam-se e complementam-se: a disciplinar, como uma anatomopolítica do corpo, aparecida no século XVII, e o biopoder, como uma biopolítica da população, este surgido no século XVIII. Podemos dizer que o que prevalecia até então era uma tecnologia de poder centrada no direito de “fazer morrer e deixar viver” do soberano, ou seja, “o soberano tem direito de vida e de morte” (FOUCAULT, 2010, p.202). Mais do que a vida na teoria clássica da soberania, o que predominava era o poder, o direito e a vontade de “fazer morrer e deixar viver” vinculado ao soberano. De outra forma, o que vemos surgir no século XVII é um direito de “fazer viver e deixar morrer”; é uma nova tecnologia de poder que está centrada no corpo individual, no homem-corpo por meio de procedimentos que visavam a docilização, o alinhamento e a disciplina, com a pretensão de aumentar a força útil dos corpos individuais. Esse poder Foucault (2010) denominou disciplinar. Diferentemente de soberania, o poder disciplinar incide principalmente sobre os corpos e, acima de tudo, sobre o que eles fazem e não mais sobre bens e riquezas.

Trago brevemente essas duas tecnologias de poder para chegar a uma outra técnica de poder desenvolvida em meados do século XVIII, a qual já anunciei neste trabalho – o biopoder. Foucault (2010) cunha tal conceito como uma tecnologia que se preocuparia com a gestão da vida, do homem espécie, centrando-se não mais no homem-corpo, mas na vida da população, no futuro e bem-estar das massas. Gostaria de ressaltar que tal tecnologia de poder não substitui as anteriores, o que ocorre é uma transição da soberania para uma sociedade de normalização, em que se encontram a disciplina e o biopoder.

Ora, durante a segunda metade do século XVIII, eu creio que se vê aparecer algo de novo, que é uma outra tecnologia de poder, não disciplinar dessa feita. Uma tecnologia de poder que não exclui a primeira, que não exclui a técnica disciplinar, mas que a embute, que a integra, que a modifica parcialmente e que, sobretudo, vai utilizá-la implantando-se de certo modo nela, e incrustando-se efetivamente graças a essa técnica disciplinar prévia [...]. Ao que essa nova técnica de poder não disciplinar se aplica é – diferentemente da disciplina, que se dirige ao corpo – a vida dos homens, ou ainda, se vocês preferirem, ela se dirige não ao homem-corpo, mas ao homem vivo, ao homem ser vivo; no limite, se vocês quiserem, ao homem espécie [...] a nova tecnologia que se instala se dirige a multiplicidade dos homens [...] (FOUCAULT, 2010, p. 2004).

Pensando acerca do discurso de crise ambiental que vem nos interpelando e nos capturando em frente a tais enunciações, aqui pautadas pelo medo e terror da perda do planeta, entendo o *rock and roll* como um artefato cultural potente, capaz de chamar a atenção da população para impedir que algo pior aconteça no futuro. Assim, parece-me que tal gênero musical se torna um importante instrumento para auxiliar e contribuir para colocar em ação uma estratégia biopolítica. Prevendo o que pode acontecer, os extratos em análise interpelam os sujeitos para que pensemos no futuro da vida na Terra, chamando a atenção de cada um que é atravessado por tais enunciações sobre a importância de, juntos, interrompermos a crise ambiental. Além do mais, é a vida da população que está em risco! Em decorrência disso, é que vejo o *rock and roll* como uma ferramenta potente, que é capaz de auxiliar na constituição de uma estratégia política com a pretensão de preservar a vida da população, do corpo social. Enfim, o gênero musical *rock and roll* coloca em circulação, a partir de diferentes meios de comunicação, um enunciado que nos faz ver, pensar e falar nos/dos problemas ambientais pelos quais estamos sendo atravessados.

Com a intenção de preservar e proteger o mundo de uma grande catástrofe, o discurso de crise ambiental veiculado na música circula o mundo por meio da mídia,

mobilizando a sociedade a pensar e se preocupar com o futuro da vida. Muito mais do que a busca por um contato romântico com a natureza, entendo que os artefatos culturais, aqui especificamente o *rock*, buscam criar estratégia de controle e segurança, no intuito de preservar, bem como prolongar a vida no planeta. Os extratos de análise abaixo apresentam o que poderá acontecer no futuro se não intervirmos, hoje, coletivamente para salvar o planeta.

Tempo é um mestre perverso, coloque sua vida em suas mãos. Feche seus olhos e ele irá esmagar você. Raiva apenas faz com que você gire mais rápido. É uma maldição nascida sobre os homens. Transforma seus sonhos em desastre. Salve-me porque o mundo irá parar. Querido, 321[...] A cortina final irá cair [...] Salve-me porque o mundo irá parar [...] Hoje à noite 0, 9, 8, 7, 6, 5, 4 321 venha e me salve porque o mundo irá parar. Querido 321 [...] Nós estamos caindo do topo venha e me pegue [...] (321- banda *Scorpions*, Alemanha).

[...] Então eles fizeram armas e motores. Com armas te caçavam, com motores nos cortavam. Você viu sua espécie aniquilada, você viu nossas sombras sumirem. Água e ar, vítimas de contaminação química. Você viu armas feitas com pedaços de nossos corpos. Você viu sua pele irmã a preço promocional na vitrine. Eles não viram nada além do lucro. Eles usam sua pele sentados sobre nossos pedaços. Eles tem projetos milionários para exterminar todos nós (Da última árvore para o último animal – banda *Cólera*, Brasil).

Na hora que a queda luminosa da estrela brilhante acontecer e as placas de Strangelove estiverem quebradas e arranhadas. Na hora que o oleandro estiver caindo da resplandecência e as lágrimas de crocodilo molharem o sol. Na hora que você decidir [...] Eu ouvirei as baterias do paraíso também [...] Na hora que a Alameda paraíso estiver coberta de ferrugem e o arco, o brilho do dia estiver coberto em escuridão. Na hora que a estrutura das cidades estiverem desmoronando ao pó e os impérios e todos os emirados queimarem [...] Eu ouvirei as baterias do paraíso também. Gelo na montanha, vento e tempestade de areia vagam pelo deserto, velho e explodindo [...] Eu ouvirei as baterias do paraíso também [...] (Baterias do Paraíso – banda *Midnight*, Austrália).

Isso é ótimo! Começa com um terremoto pássaros e cobras um avião [...] Olho de um furacão [...], ouça a si mesmo agitando. O mundo serve a suas próprias necessidades, o bobo serve a suas próprias necessidades [...] Escada começa a ranger com medo de cair [...] Uh, oh, enchente, população, grupo comum, mas isso servirá [...] Salve a si mesmo, sirva a si mesmo [...] O mundo serve a suas próprias necessidades, ouça o seu coração sangrar [...] É o fim do mundo como conhecemos. É o fim do mundo como conhecemos (É o fim do mundo como conhecemos e eu me sinto bem – banda R.E.M, EUA).

Os excertos acima levam-me a pensar na presença marcante de um mecanismo de defesa presente nas letras de *rock and roll* que é capaz de mobilizar a sociedade, por meio do terror e do medo, dos riscos e perigos que corremos se não cuidarmos do planeta. As práticas diárias que tecemos com o nosso meio natural, se não repensadas, possibilitarão que algo muito terrível aconteça. Minimizar os riscos, cuidar do meio

ambiente e respeitar a natureza evidenciam uma preocupação com o futuro da vida. Assim, as letras nos alertam: “Gelo na montanha, vento, tempestade de areia” – é o “deserto velho e explodindo” (Baterias do paraíso, banda *Midnigth Oil*, Austrália). Enfim, “é o fim do mundo” (É o fim do mundo como conhecemos e eu me sinto bem, banda R.E.M, EUA). O tempo acabará com a vida da população: terremotos, furacões, enchentes, desmoronações de cidades, contaminações do ar e da água. Dessa forma, enunciações catastróficas são colocadas em circulação, produzindo saberes e verdades referentes à crise ambiental, ou melhor, acerca do nosso futuro ou do fim do mundo. É nesse momento que vejo o biopoder sendo colocado em funcionamento, na medida em que chamamentos, como os colocados em suspenso, interpelam-nos, constituem-nos e fazem-nos pensar na necessidade de agirmos logo para não sermos acometidos por uma catástrofe. É a defesa da vida que está em jogo neste século XXI, tão bem retratada nas músicas selecionadas! Por sermos sujeitos disciplinados, somos capturados por esse discurso potente de crise ambiental que nos responsabiliza, fazendo-nos pensar que “o fim do mundo como conhecemos” pode estar próximo. Como nos diz a letra da música da banda alemã *Scorpions*, estamos em contagem regressiva... 321 e “o mundo irá parar”.

Nesta seção, pude evidenciar, a partir do *corpus* de análise, que o *rock and roll* também contribui para olharmos a crise ambiental de uma forma apocalíptica. Pautadas pelo medo do fim da vida, o gênero musical selecionado para o estudo permite-me dizer que artefatos culturais como esse se tornam importantes ferramentas, capazes de auxiliar como uma estratégia biopolítica, colocando, assim, o biopoder em operação.

Dessa forma, na intenção de problematizar como o *rock and roll* nos faz pensar o atual momento de crise social e ambiental, pude encontrar, nesse gênero musical, uma proliferação de ditos que entram na ordem do visível e do discurso verdadeiro. Sendo assim, vale questionar a forma como vimos sendo interpelados pelo discurso de crise ambiental. Muito mais do que tomar atitudes em prol da vida neste planeta diante, de uma política pautada pelo medo, o fundamental é que possamos reinventar novas formas de ser enquanto sujeitos sociais e ambientais. Nas palavras de Guattari,

Novas práticas sociais, novas práticas estéticas, novas práticas de si na relação com o outro, com o estrangeiro, como o estranho: todo um programa que parecerá bem distante das urgências do momento! E, no entanto, é exatamente na articulação: da subjetividade em estado nascente, do *socius* em estado mutante, do meio ambiente no ponto em que pode ser reinventado, que

estará em jogo a saída das grandes crises maiores de nossa época (2008, p. 55) [grifo do autor].

Minha intenção, neste estudo, foi provocar o pensamento e problematizar algumas verdades referentes à crise ambiental, que nos interpelam e nos constituem enquanto sujeitos deste mundo. Como me ensinou Foucault (2012), os enunciados apóiam-se, reforçam-se e articulam-se, dando visibilidade ao discurso. Colocando luz no discurso da crise ambiental na atualidade, pude perceber que os dois enunciados que problematizei se coadunam, dando força para sustentar o discurso ora analisado. Ao evidenciar o homem como principal degradador do ambiente, o discurso de crise ambiental leva-nos para um outro enunciado: o de que é devido às ações humanas que vivenciamos uma crise nunca antes imaginada por nós, possibilitando a perda de nosso planeta.

As letras de *rock and roll* fizeram-me perceber que diferentes artefatos culturais vêm contribuindo para pensarmos no futuro da vida e de nosso planeta, bem como a forma como interagimos com o nosso ambiente natural. Os dois enunciados que trabalhei aqui e que sustentam o discurso de crise ambiental podem ser problematizados por cada um de nós, em especial por cada um dos leitores desta dissertação. Que este trabalho possibilite rupturas no pensamento, criando outras formas de dar visibilidade à crise ambiental que experienciamos. Que possamos criar novas maneiras de ser, viver e sentir o tempo atual, lembrando que somos seres da cultura, inseridos nela e produzidos por ela.

4 Algumas considerações antes do ponto final

Neste momento, chego ao fim de minha caminhada. Aqui, nesta seção, pretendo trazer algumas considerações importantes da pesquisa antes de colocar o necessário ponto final nesta dissertação. Muitas coisas foram ditas durante esses dois anos de mestrado, mas neste momento de interrupção do trabalho gostaria de deixar uma semente, uma provocação: que possamos entender a música, seja o *rock* ou outro gênero musical, como um importante instrumento de ação política, que é capaz de nos atravessar e nos fazer pensar nas diferentes formas de constituirmos o mundo e de estabelecermos relações com ele. Essa foi a articulação que me propus fazer: um diálogo entre música, sociedade e Educação Ambiental.

A música sempre teve um significado muito importante na minha vida. O violão, por muito tempo, fez parte do meu dia a dia, assim foi durante todo o período de minha formação. Entre a teoria e a prática, fui-me constituindo enquanto violonista, enquanto uma musicista. No entanto, a forma como hoje estudo e me relaciono com esta arte tem se dado um pouco diferente, mas não de forma menos importante. De forma muito expressiva, a música atravessa-me, acompanha-me e faz-me perceber, a cada dia, o quanto a arte nos conduz a caminhos surpreendentes e o quão potente são os laços e relações que podemos estabelecer entre música, cultura e sociedade. É, dessa forma, que inicio a última seção desta dissertação.

No primeiro capítulo da pesquisa, apresentei os fatores que motivaram a escrita desta dissertação e apontei a relevância da música para dialogar com a área de saber da Educação Ambiental. Ao longo da primeira seção, fui traçando os primeiros questionamentos e apontando, de forma sucinta, como alguns artefatos culturais tratam a questão ambiental. Expus também os autores que foram fundamentais para sustentar as provocações que o estudo se propôs e apresentei cada uma das bandas que compõem o *corpus* de análise da pesquisa, evidenciando o quanto o *rock and roll* vem tratando a questão ambiental, por meio de suas letras, de *blogs* e de artefatos, como *ecobags*.

Na segunda etapa da pesquisa, discorri sobre a importância da arte/música na sociedade, embasada em autores de diferentes áreas de saber, que se preocuparam em entender a relação existente entre arte e sociedade. Também nessa seção, diante dos acontecimentos históricos, sociais, políticos, econômicos, culturais e ambientais, tentei compor o cenário de crise social e ambiental vivido na atualidade. Evidenciei também, por meio de artefatos culturais como o cinema, a televisão, o rádio, a música e a mídia

de forma geral, a forma como estes vêm nos interpelando com o discurso de crise ambiental e seus atravessamentos dados na e pela cultura. Os autores que foram escolhidos para travar as propostas discussões me permitiram discorrer sobre a importância da cultura nas formas de ver, estar e viver no mundo.

No último capítulo desta dissertação, apresentei o caminho metodológico, no qual trabalhei com algumas ferramentas da análise do discurso, a partir de Michel Foucault, pontuando especificamente o conceito de discurso e enunciado. Nas subseções que dão continuidade ao capítulo três, debrucei-me sobre o material empírico, as letras de *rock*, para responder à grande interrogação da pesquisa, ou seja, como o *rock and roll* vem contribuindo para pensarmos a crise ambiental. Foi, então, a partir do material em análise, que pude construir os dois enunciados que deram sentido à minha pesquisa: o antropocentrismo e o terror e medo pela perda do planeta.

Durante a escrita de minha dissertação, evidencie, por meio de gêneros musicais, como o *blues* e o *jazz*, e, principalmente o *rock and roll*, o quanto música e sociedade são constituintes e constituidoras de questões que movem o corpo social. Apontei, diante desses expressivos estilos, que, por meio da música, é possível conhecer um pouco da história, entender os momentos sociais, políticos e culturais de um determinado tempo, bem como as lutas que foram travadas por grupos sociais em distintos momentos da sociedade. Foi o que pretendi mostrar com o *blues* e o *jazz*; gêneros esses antecessores do *rock and roll*. Pelo sofrimento de um povo, transposto em letras de música, pudemos conhecer um pouco da vida e de parte de uma cultura afro-americana, que via na arte uma forma aliviar a dor e a tristeza da escravidão. A música é capaz de proporcionar uma viagem pelo mundo e pela história! Já com o *rock and roll*, apresento uma música de protesto que foi considerada um dos maiores fenômenos culturais do século XX, tornando-se a voz de uma juventude a partir de meados da década de 1950. Os jovens viam no *rock and roll* um “jeito de ser *rock*”; entoaram, nessa música, seu grito de liberdade na luta por um mundo mais justo e menos moralista.

Assim, foi-se dando minha caminhada! Carregada de inquietações, medos, angústias, alegrias e, principalmente, de descobertas, ao propor esse entrelaçamento entre *rock and roll*, sociedade, cultura e Educação Ambiental.

Certamente, vivemos em um outro momento histórico, social, político, econômico e cultural. Talvez o *rock and roll* não tenha a mesma força política das décadas de 1950, 1960 e 1970. No entanto, o que a pesquisa pretendeu mostrar é o

quanto esse gênero musical continua apresentando um caráter político e contestador. O discurso de crise ambiental fortemente presente em algumas letras de *rock*, ajuda-nos a pensar no século XXI, nos problemas sociais, culturais e ambientais vivenciados pela sociedade do presente. Sendo assim, é, diante desses fatos evidenciados pelo estudo, que vejo no *rock and roll*, uma das formas de se constituir modos de ser, estar e viver enquanto sujeitos deste tempo. Em presença dos extratos de análise evidenciados pela pesquisa, percebo que esse gênero musical vem (re)produzindo discursos e verdades, que nos atravessam e nos interpelam a olhar e a discorrer sobre a crise ambiental, diante de um discurso legitimado como verdadeiro no campo da Educação Ambiental. A partir das letras colocadas sob análise, é que vimos aparecer com potência dois enunciados que compõem e sustentam o discurso em questão – o homem como principal destruidor do planeta, este intitulado de “antropocentrismo”; e a possibilidade de uma hecatombe ambiental, este presente também em outros artefatos culturais, o qual foi intitulado “o terror e medo pela perda do planeta”. Segundo a perspectiva teórica que esta pesquisa encontra-se apoiada, é a partir desses enunciados que aprendemos a ver e pensar a crise ambiental que se instala na contemporaneidade, pois como nos diz Veiga-Neto,

O enunciado é um tipo muito especial de um ato discursivo: Ele se separa dos contextos e dos significados triviais do dia-a-dia, para constituir um campo mais ou menos autônomo e raro de sentidos que devem, em seguida, ser aceitos e sancionados numa rede discursiva, segundo uma ordem – seja em função do seu conteúdo de verdade, seja em função daquele que praticou a enunciação, seja em função de uma instituição que o acolhe (2007, p. 94-95).

Este foi o caminho trilhado pela pesquisa: problematizar a forma como o *rock and roll* contribui para pensarmos a crise ambiental. A partir de enunciações recorrentes como os apresentados no estudo, podemos dizer que estes entram na ordem do dito, do visível e do discurso verdadeiro. Colocar em suspenso algumas verdades que compõem o discurso de crise ambiental por meio da música não significa que tivéssemos a pretensão de apontar para o que é certo ou errado, mas, sim, questionar a forma como muitas vezes somos interpelados por esses ditos que circulam em diferentes artefatos culturais. Aprender a importância dos significados travados na e pela cultura é fundamental para entendermos as diferentes formas de nos constituirmos e estabelecermos relações com o mundo em que vivemos. Durante minha empreitada, busquei provocar, questionar, problematizar a forma como vimos sendo constituídos por ditos referentes à crise ambiental que circulam na e pela cultura. (Re)produzindo

discursos e instaurando verdades, a música, o *rock and roll*, interpela-nos e convoca-nos a estabelecer novas práticas voltadas para a preservação do planeta, ao colocar em dúvida a continuidade da vida na Terra. Em decorrência disso, minha proposta é que possamos produzir reflexões e entender a Educação Ambiental como uma educação política, entendendo que não existe uma única forma de olhar para mundo. Nas palavras de Isabel Carvalho, recordo:

Nossos conceitos são assim como lentes em nossa visão de realidade. Tão habituados ficamos com os nomes e imagens por meio das quais nos acostumamos a pensar o mundo, que esquecemos que esses conceitos não são a única tradução do real, mas apenas modos de recortá-lo, enquadrá-lo e, assim, tentar compreendê-lo, deixando sempre algo de fora ou que pode ser recortado por outro ângulo, apreendido por outro conceito (2011, p.33).

Provocar o pensamento diante desses enunciados potentes como os que apareceram na pesquisa, diante de um olhar reducionista de natureza ao apontar o homem como o principal destruidor do planeta, bem como ante de uma visão apocalíptica, é o que neste momento gostaria de problematizar. Como nos ensina Rosa Fischer (2012), que possamos praticar sempre o exercício da dúvida, produzindo indagações e, acima de tudo, questionando o que está dado.

Após a presença marcante de enunciações, como as que nessa dissertação foram analisadas, percebo o quanto o *rock and roll* se torna uma estratégia potente para pensarmos nos riscos e perigos que corremos se não mudarmos nossas atitudes em prol do planeta. Com base nas evidências mostradas pela pesquisa, vejo o *rock and roll* como um instrumento importante na (re)produção de discursos, que, de alguma forma, constituem nossos modos de vida, pois “nós nos tornamos sujeitos derivados desses discursos” (VEIGA-NETO, 2007, p. 91).

Nesse sentido, gostaria que, a partir de minha dissertação, pudéssemos olhar para a música como uma área de saber potente, capaz de suscitar novas discussões no campo da Educação Ambiental. Como me ensinou Guattari, que possamos criar espaços de resistência e problematizar algumas verdades que nos atravessam e nos constituem enquanto sujeitos de nosso tempo, pois:

A juventude, embora esmagada nas relações econômicas dominantes que lhe conferem um lugar cada vez mais precário, e mentalmente manipulada pela produção de subjetividade coletiva da mídia, nem por isso deixa de desenvolver suas próprias distâncias de singularização com relação à subjetividade normalizada. A esse respeito, o caráter transnacional do *rock* é absolutamente significativo: ele desempenha o papel de uma espécie de culto

iniciático que confere uma pseudo-identidade cultural a massas consideráveis de jovens, permitindo-lhes constituir um mínimo de Territórios existenciais (2008, p. 14) [grifo do autor].

Dessa forma, minha pretensão é que esta pesquisa possa desempenhar, mesmo que minimamente, uma espécie de “culto iniciático” para olharmos a Educação Ambiental para além de uma visão naturalista e romântica de natureza, e/ou ainda para além de uma preocupação com a salvação do planeta pautada pelo medo e terror do fim da vida na Terra. Certamente, isso a música me ensinou e, principalmente, o *rock and roll*, como um gênero de protesto que é, vem me ensinando a provocar o pensamento. Sendo assim, é em tom de *rock and roll* que finalizo minha dissertação.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Leila Marrach Basto de. Hair: “Paz e Amor!”. *Revista Nures*, n.12, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1998.
- _____. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2001.
- _____. *Medo Líquido*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2008.
- BAY, Dora Maria Dutra. Arte & Sociedade: Pinceladas num tema insólito. *Cadernos de pesquisa interdisciplinar em ciências humanas*, n. 78, 2006.
- CARVALHO, Isabel. *Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico*. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- COEUROY, André e VIDOSSICH, Edoardo. *Panorama da Música Contemporânea e História do Jazz e sua decadência*. São Paulo: Ed. Atena, 1957.
- COSTA, Marisa Vorraber. O Consumismo na Sociedade de Consumidores. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.) *A Educação na Cultura da Mídia e do Consumo*. Rio de Janeiro: Ed. Lamparina, 2009.
- CHACON, Paulo. *O que é Rock?* São Paulo: Ed. Brasiliense, 1995.
- DIAMOND, Jared. *Colapso: como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2005.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- FOUCAULT, Michel. *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2009.
- _____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.
- _____. *Em defesa da sociedade*. 2ªed. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2010.
- _____. *A arqueologia do saber*. 8ªed. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2012.
- FRIEDLANDER, Paul. *Rock and Roll: uma história social*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2010.
- GUATTARI, Félix. *As Três Ecologias*. Campinas, SP: Papyrus, 2008.
- GUIMARÃES, Leandro Belinaso. *A importância da história e da cultura*. Inter-Ação: Ver. Fac. Educ. UFG, v.33, n. 1, p. 87-101, jan./jun. 2008.

- GRÜN, Mauro. *Ética e Educação Ambiental: A conexão necessária*. Campinas, SP: Ed. Papirus, 2007.
- HENNING, Paula Corrêa; RATTO, Cleber Gibbon e GARRÉ, Bárbara Hees. *Educação Ambiental, Mídia e Biopoder*. Anais da 33ª Reunião Anual da ANPED, 2010.
- HOBBSAWN, Eric J. *História Social do Jazz*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2011.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada*. São Paulo: Companhia das letras, 2011.
- LIPOVETSKY, Gilles e HERVÉ, Juvin. *A Globalização Ocidental: controvérsia sobre a cultura planetária*. Barueri, SP: Manole, (2012).
- MACHADO, Arlindo. *Arte e Mídia*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2010.
- MUGGIATI, Roberto. *O que é Jazz*. São Paulo: Ed. Brasiliense S.A, 1983.
- MUGNAINI Jr., Ayrton. *Breve História do Rock*. São Paulo: Ed. Claridade Ltda, 2007.
- PINHEIRO, Marcos Sorrilha; MACIEL, Fred. *BLUES: Manifestação e inserção sociocultural do negro no início do século XX*. Revista Outros Tempos. Dossiê História Atlântica e da Diáspora Africana. V. 8, n. 12, 2011.
- RAMOS, Eliana Batista. Anos 60 e 70: Brasil, juventude e rock. *Revista Ágora*, Vitória, n.10, 2009, p. 1- 20.
- SAMPAIO, Maíra Vicentini Shaula. *“Uma floresta tocada apenas por homens puros...” Ou do que aprendemos com os discursos contemporâneos sobre a Amazônia*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2012.
- TINHORÃO, José Ramos. *História Social da Música Popular Brasileira*. São Paulo: Ed. 34 Ltda, 1998.
- ROCK THE EARTH Acessado em 28/12/2012 (<http://www.rocktheearth.org/joomla/>).
- VINCI, José Geraldo. *Ciência, Música e Sociedade* 2010. Disponível em: WWW.memoriadamusica.com.br. Acesso em: 10 de out, 2010, 20:43:44.
- VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault & a Educação*. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. A Educação Ambiental em perspectivas culturalistas. In: CALLONI, H.; SILVA, P. R. G. (org.) *Contribuições à Educação Ambiental. II encontro e diálogos com educação ambiental FURG*. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 2010.